

## 4

### **A escola a partir da memória: cotidiano, cultura e estrutura.**

A História é sempre uma construção e, portanto, o objeto histórico sempre será resultado de uma elaboração.

Recorremos à pesquisa documental e à memória pessoal dos sujeitos procurando não nos determos na simples leitura dos documentos e meros registros de falas, visto que o trabalho com a memória é sempre uma recriação de narrativas sobre o passado e, por vezes, narrativas sobre narrativas. Buscamos uma interpretação das diferentes memórias, pensando sobre as diferentes posições dos sujeitos entrevistados, no contexto estudado.

Os entrevistados foram selecionados a partir dos objetivos da pesquisa e de nossas possibilidades de estabelecer contato com os mesmos. Trabalhamos com depoimentos de profissionais da Escola e ex-alunos. Os ex-alunos são de diferentes épocas e alguns são nativos da Ilha. No universo de pessoas que localizamos, foram selecionadas aquelas que julgamos representarem, nos diferentes momentos históricos, variadas dimensões do cotidiano escolar. A memória dos ex-alunos e ex-funcionários foi pensada numa relação entre a análise dos documentos e a história oral. Lançamos mão desta por identificá-la como valioso recurso na construção de uma interpretação a partir da memória dos sujeitos que participaram da Escola.

Optamos por entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos, o que nos permitiu ter uma visão ampliada do contexto estudado e forneceu maiores subsídios para a reflexão acerca do mesmo. As conexões entre as entrevistas e os documentos observados ao longo da pesquisa foram objeto de constante atenção, pois os depoimentos coletados e os documentos selecionados se tornaram complementares na reconstrução desta instituição. As entrevistas foram realizadas tendo um roteiro-base, previamente elaborado, combinado com depoimentos espontâneos dos participantes, de forma a contextualizar, a partir da trajetória profissional e de vida de cada um, sua inserção na Escola.

Pelo manejo das fontes que dispomos, sejam elas, de caráter administrativo, didático, disciplinar ou de memórias pessoais, desenvolvemos uma leitura que caminha no sentido de considerar que em seu percurso histórico a “Antiga Escola da Marambaia” compôs a sua marca como instituição escolar. É claro, que devemos levar em conta que nas suas três décadas de existência, ela passou por muitas mudanças, inclusive de nome, na sua estrutura

administrativa e de ensino. Entretanto, verificamos, através dos documentos oficiais e dos relatos orais, certas permanências até o Colégio Técnico Darcy Vargas, de aspectos da estrutura organizacional que remontam à época da Escola Técnica Darcy Vargas.

#### 4.1 Uma rede de memórias

.Primeiramente é preciso destacar o papel do ex-aluno Nivaldo Lemos, do CTDV, como articulador de um movimento em torno de uma celebração da memória da Escola. Esta articulação se deu pelo site overmundo, onde Nivaldo postou suas crônicas, sendo a primeira delas *Dores e alegrias de uma escola à beira-mar*, postada em 17/10/2007. Nivaldo, que é jornalista, participa como colaborador em diálogos do site que, genericamente, destina-se a difundir a produção cultural brasileira. Suas crônicas sobre a Escola estão postadas, mais especificamente, no projeto *Reminiscências de Escola:lembrar para reinventar*, onde o site promove uma reflexão sobre o sentido do espaço escolar, por meio de um conjunto de crônicas e material iconográfico sobre as experiências escolares de seus participantes<sup>1</sup>. Portanto, os relatos de Nivaldo são de natureza distinta de uma entrevista, pois passaram por uma elaboração que é própria do processo de escrita. Além disso, um dos objetivos de seus textos era justamente refletir sobre o próprio processo de reconstrução da memória, como podemos ver em alguns trechos:

Marx disse que há dias que valem por séculos na história dos povos, referindo-se à Comuna de Paris. O dia 21 de maio de 1965 – quando desembarcamos na Escola Técnica Darcy Vargas, eu e meu irmão Célio – foi um desses dias fundamentais na nossa história pessoal. Era uma sexta-feira e vínhamos de longa viagem de Kombi até Santa Cruz, de trem de madeira (o famoso “macaquinho”) até Mangaratiba e de barco até a Ilha da Marambaia, onde ficava o colégio interno, um percurso de mais de cinco horas. (Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2009)

Neste primeiro trecho, nos chama atenção a forma como o autor inicia o texto expressando a importância de sua chegada, como um marco histórico na sua vida e na de seu irmão. Ele refere-se à “Escola Técnica Darcy Vargas”, mas, naquele ano de 1965, ela já se chamava Colégio Técnico Darcy Vargas, em função do convênio estabelecido com o

---

<sup>1</sup> As crônicas completas seguem anexadas a este capítulo, mas faremos referências a elas comentando e citando ao longo do texto, pela riqueza de informações e sentimentos expressos em tom poético por Nivaldo ao se lembrar de suas experiências naquela Ilha.

governo do Estado do Rio de Janeiro. Para Michael Pollak a memória é constituída pelos acontecimentos vividos individualmente e pelos acontecimentos “vividos por tabela”, devido à noção de pertencimento a uma coletividade (POLLAK, 1992). Neste caso, Nivaldo remete-se ao nome de uma estrutura anterior à sua chegada, mas que teve tamanho relevo no imaginário sobre a Escola, que chega a confundir a memória de muitos que passaram por ela, nos anos próximos àquela transição.

Em outros relatos também aparece esta indefinição sobre o nome da Escola em diferentes épocas. O que os informantes do período relativo ao CTDV sabem, com certeza, é que não havia mais o ensino da pesca. Além disso, o trajeto até a Marambaia é destacado como um símbolo muito forte do isolamento da Ilha, característica essa que cruza todos estes períodos e ajuda a fixar uma marca para a Antiga Escola da Marambaia.

Nivaldo acabou mobilizando, pela Internet, uma rede de relações em torno da memória da Escola:

No último dia do mês de outubro recebi na minha caixa postal e-mail de um José Antonio dos Santos cujo assunto era: “Sobrevivente da Marambaia”. Por conta do projeto Reminiscências de Escola, em 17 do mesmo mês, postara no Overmundo matéria sobre meus tempos de colégio interno na Ilha da Marambaia, onde cursei o ginásio na segunda metade dos anos 60. A exemplo da mítica Pandora, hesitei diante da caixa cuja mensagem, uma vez aberta, liberaria não os males do mundo, mas lembranças de um tempo que eu vivera naquela ilha do atlântico, 43 anos atrás, e que subitamente retornariam do limbo, como fantasmas redivivos. Por segundos, essa epifania quase proustiana me atirou num vórtice de sentimentos que iam do medo à euforia, e me lembrei de uma frase de Walter Benjamin que dizia: “O passado só deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido.” E abri o e-mail. (Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2009)

Além dessa rede formada pelos ex-alunos e ex-funcionários do CTDV, identificamos uma outra que se articula pelo site de relacionamentos *orkut*. Nele consta a comunidade “eu nasci na Ilha da Marambaia”, onde se comunicam entre 60 e 70 membros, dos quais alguns são ex-alunos e (ou) ex-funcionários da ETDV. O ex-diretor Manoel Bastos falou sobre outros encontros de ex-alunos que já aconteceram. Não conseguimos identificar quantas redes diferentes se mobilizam, mas parece haver uma mais antiga composta pelos alunos da ETDV e que hoje não está tão articulada.

Fizemos nosso primeiro contato com Nivaldo no mês de março de 2009, em junho do mesmo ano ele nos passou sua lista de e-mails dos ex-alunos que se reuniriam em julho, na

casa do ex-diretor Aduary Alheiros. A participação no encontro teve um caráter de observação preliminar, da qual faremos algumas considerações. Realizado em Sepetiba no dia 18 de julho de 2009, na casa do ex-diretor Aduary Alheiros, o encontro reuniu cerca de quinze ex-alunos e seus familiares. Parte deste grupo já havia se reunido outras vezes, mas esse encontro nos pareceu ter um novo ímpeto, por conta da articulação promovida na Internet, a partir das crônicas de Nivaldo Lemos. Não realizamos nenhuma entrevista nesta ocasião, por não considerarmos apropriado o momento, dado seu caráter de festa. Estabelecemos conversas informais das quais emergiram certos temas que foram retomados nas entrevistas. O grupo que se reuniu era praticamente todo composto por ex-alunos do CTDV, tendo apenas um da época da ETDV.

Pude observar uma grande importância dada ao encontro por seus participantes, que pareciam compartilhar de um sentimento de orgulho por ter participado daquela experiência de vida escolar. Para citar alguns exemplos disto, um dos ex-alunos saiu de São Paulo para reencontrar seus amigos neste churrasco e Nivaldo Lemos levou um banner com uma imagem e termos característicos da Escola (reunidos da troca de e-mails), que atraiu a atenção de muitos para lembrar. Este banner tinha acima da imagem o seguinte título: “Bem-vindos ao planeta sonho – Marambaia 1965-1969”.

Em conversa com o ex-aluno Pompilio, que também esteve no período da ETDV (ou época da escola de pesca, como se lembram), surgiu uma polêmica em torno da chegada dos “Lords”. Na visão de Pompilio, que é partilhada com outros ex-alunos, estes seriam os alunos que não precisavam trabalhar e que foram para estudar no Ginásio. Os ditos “Lords” presentes não concordaram com esta visão. Outros assuntos que surgiram foram sobre aspectos disciplinares, como a auto-gestão dos alunos monitores, com status de funcionários e a reclusão para faltas graves. Trataremos desses assuntos nos próximos itens deste capítulo.

## **4.2 Habitus militar e repressão**

Nos capítulos anteriores fizemos uma exposição sobre o funcionamento da Escola destacando certos aspectos disciplinares como a formação do Corpo de Monitores e da Polícia Interna. Também identificamos algumas raízes dessa influência militarizada na

Escola, por conta do contexto do Estado Novo e do papel da Marinha de Guerra na nacionalização da pesca no Brasil.

Entretanto, os depoimentos de ex-alunos e ex-funcionários nos possibilitaram observar novas dimensões sobre estes aspectos, sobretudo do ponto de vista daqueles que eram os principais envolvidos no processo educacional proposto. Desta maneira, nossa abordagem não pretende focar a Escola apenas o ângulo administrativo, mas também analisá-la como algo vivo e único, onde a integração de seus membros, nem sempre se expressa pelas normas racionalmente previstas pela administração escolar (CÂNDIDO, 1956).

Desde a primeira entrevista feita com Adriano de Lima, que foi ex-aluno da ETDV, a questão disciplinar e a tão falada PI, fizeram parte dos relatos dos entrevistados.

Era só para meninos e ninguém ficava parado, cada um era responsável pela sua roupa. Tinha o hábito de andar limpo e autonomia, ninguém mandava cortar cabelo...,na forma, que era três vezes ao dia, o sapato tinha que estar engraxado. Tinham uniformes diferenciados. Era uma disciplina militarizada com punições em pé várias horas. Tinha muita atividade esportiva e a gente podia ficar privado delas no fim de semana e isso doía (Adriano de Lima, ex-aluno da ETDV).

Adriano estudou no período que antecede o convênio da FACR com o Estado do Rio de Janeiro. Portanto, em sua época a estrutura organizacional era estritamente da Fundação. Seu depoimento corrobora o que verificamos em alguns relatórios citados anteriormente.

O número de funcionários era pequeno. Alguns alunos formavam a própria mão de obra disciplinar, todo ano era eleito um número de monitores, que podia se reeleger. Tinha o plantão de alunos, que tomavam conta do castigo e fiscalizavam a área permitida. Naquela época a educação familiar também era severa..., eu peguei o diretor Antonio Moreira Sampaio e o Manoel Bastos fez parte da primeira turma. Então, era o diretor, chefe da disciplina, inspetor, PI (polícia interna) e monitores. Os PI e monitores eram alunos colaboradores (Adriano de Lima, ex-aluno da ETDV).

Vitorino que foi mestre da parte de pecuária da Escola de Lavradores e Vaqueiros de Santa Cruz nos acrescentou mais detalhes sobre o que a Fundação determinava que fosse feito com os alunos indisciplinados em suas unidades.

Se não fizesse ia pro castigo, mas não podia dá um tapa, eu trabalhava com 30 menino, mas se eu precisasse, se ele me desobedecesse tinha que mandar o monitor pegá ele e leva pro inspetor lá na escola, aí botava ele no castigo, botava ele em pé na parede, deixava ali alguns minutos, conversando com ele orientando ele então, o menino ele ia numa conclusão que entrava bravo e saía daqui que era uma beleza,

antes ele não tinha uma especialidade, não tinha um conceito não tinha nada (Vitorino, mestre da Escola de Lavradores e Vaqueiros Raphael Levy Miranda).

Havia um padrão estabelecido pela Fundação para regulamentar a relação entre os mestres artífices e os alunos. Por isso destacamos a fala de Vitorino, que mesmo trabalhando em outra unidade pode nos ajudar a compreender um pouco do que se passava na ETDV<sup>2</sup>.

Eugênio foi o que permaneceu na antiga escola da Marambaia por mais tempo, entrou como aluno da EPDV, passou a ser responsável pela fábrica de sardinha e só saiu com a desativação total da Escola. Ele lembra que a disciplina sempre foi militar, com hasteamento da bandeira, forma e marcha. Segundo ele, a passagem em grupo de um pavilhão a outro da escola era sempre em marcha.

Perguntamos ao Manoel Bastos, outro ex-aluno e que chegou a ser diretor da Antiga Escola da Marambaia, sobre a existência de militares compondo a equipe da Escola. Ele nos relatou que:

Não tinham muitos não. Mas tinham instrutores da Marinha na ativa que passavam ensinamentos na área de marinharia e sistema de semáforas ou evoluções das marchas e também teve o tenente Tássio do exército na Educação Física, com quem aprendi muita coisa também. Eu trabalhei com pessoas extraordinárias lá, grandes professores e educadores como o Dr. Rodolfo Fuchs, que avaliava toda a rede da Fundação (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-diretor administrativo).

Mesmo afirmando não existirem muitos militares na equipe de formadores da Escola, Manoel Bastos cita instrutores da Marinha na ativa ensinando as técnicas de marinharia e pelo menos um tenente do exército na parte de Educação Física. Quando lhe perguntamos a quem se poderia atribuir aquela disciplina militarizada ele diz não se lembrar muito bem, mas acha que foi introduzido por um dos diretores:

Veio de um diretor que tinha muito essa coisa do escoteirismo, mas agora eu não me lembro bem quando (...), mas veio com a Marinha Mercante mesmo em meados da década de 40 pra 50 mais ou menos (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-diretor administrativo).

---

<sup>2</sup> Comparativamente, os dois informantes citados apresentam números divergentes sobre o tempo de castigo em pé. Para Adriano eram horas e para Vitorino eram minutos. Essa variação na intensidade dos castigos apareceu em outros depoimentos, tanto de ex-alunos como no de ex-funcionários. Entretanto a existência dos mesmos em todos os períodos da antiga escola da Marambaia foi uma unanimidade.

Toda a estrutura disciplinar, de cunho militar, constitui uma forte representação no imaginário dos ex-alunos da EPDV e da ETDV, quando estes reconstituíam suas lembranças a partir de perguntas sobre as características gerais da Antiga Escola da Marambaia. Curiosamente, estas representações continuaram sendo verificadas nos depoimentos dos ex-alunos e ex-funcionários do período relativo ao CTDV. Mesmo para aqueles que vieram a fazer parte do corpo de funcionários, ficava muito difícil identificar exatamente a origem desse sistema. O ex-aluno Carlos Alberto, que entrou em 1967 no CTDV, cita as primeiras imagens dos pavilhões e da forma como os alunos eram organizados, quando chegou:

Eram dois. O dos menores e os dos maiores, eu não sei te dizer exatamente as idades, mas era mais ou menos de 12 a 15 e de 16 a 17anos. Aquilo era uma novidade e eu fui muito bem recebido de manhã, no café, tomei banho conheci os inspetores e tudo era por forma e essas formas também eram menores na frente e maiores atrás. Para o refeitório e todos os lugares que íamos tínhamos que formar, ninguém sentava antes de ser autorizado e nós rezávamos antes da refeição. Eu fui aprendendo aquilo tudo aos poucos na convivência com os alunos que já faziam aquilo tudo. E o regime era militar, porque essas formas eram organizadas pelos inspetores através de apito. Cada som designava um tipo de comportamento do aluno. Eu fui tendo conhecimento disso tudo aos poucos, apesar de não ser militar, o colégio parecia um quartel (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Quando perguntado sobre as principais lembranças que tinha do CTDV, o ex-aluno Emilson respondeu que:

Tinha muita coisa, lembro que a educação física era puxada, era como se fosse um quartel. Tinha várias salas de jogos, praia, botão tinha punições de proibições de visitas, proibição de saída, eu morava perto da escola mas era interno(...) a gente estudava com mescla azul e branca e caxangá (Emilson, ex-aluno do CTDV).

Assim como Emilson, outros ex-alunos destacam a variedade de opções de lazer oferecidas pela Escola, além da qualidade da Educação Física, que lhes teria permitido conhecer uma diversificada gama de esportes. A lembranças dessas possibilidades de lazer e esporte, costumou estar acompanhada da ameaça de proibição, como consequência da punição por indisciplina. O horário extremamente rígido que observamos no regimento interno da ETDV, e que era praticado cotidianamente, sendo marcado pelos apitos de nos falou Carlos Alberto, possivelmente ajuda a explicar a recorrência de punições.

Além das proibições das atividades de lazer, esportivas e até de visitas, foram relatadas punições sobre as chamadas “faltas graves”, que foram explicitadas por Pompilio

e Nivaldo, também, ex-alunos do CTDV. No encontro dos ex-alunos eles relataram que existia uma espécie de reclusão, para casos como homossexualismo, briga e desrespeito à hierarquia. Pompilio afirmou em entrevista, que para o caso de faltas leves existia o banco dos réus, que eles apelidaram de “banco do help”.

Tinha o “banco do help”, como chamávamos, que ficava em um corredor que levava de um pavilhão a outro, onde ficávamos lá de castigo sentado lendo ou jogando chapinha. E tinha a reclusão que era um cubículo gradeado em cima da prefeitura. Eu vi uns quatro alunos ficando lá (Pompilio, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Na entrevista com Manoel Bastos, buscamos mais informações sobre o sistema de punições. Seu depoimento é importante por representar o ponto de vista de quem foi diretor da parte administrativa e disciplinar da ETDV e CTDV, como funcionário da FACR.

O aluno era levado pra secretaria e ficava privado de regalias como futebol, que eles gostavam muito. Eu tirei a privação da música porque eu disse que aquilo era ensino era cultura e os meninos não iam ali para brincar e sim estudar (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-diretor administrativo).

Sobre a existência de uma cela para alunos que cometessem faltas graves ele colocou que:

Tinha. Não era uma cela totalmente, era uma reclusão. Ia pra lá quem tinha conduta agressiva, como no recreio ao companheiro, falta de respeito aos professores ou uma agressão no esporte. Ficava lá um dia, era o dia com aula, mas ficava um dia (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-diretor administrativo).

O depoimento do diretor confirma a existência de um espaço de isolamento, que ele chamou de reclusão, onde o aluno permanecia durante um significativo espaço de tempo, durante um dia de aula. Também confirma as faltas graves de agressão e desrespeito, mas não menciona o tratamento dispensado às condutas homossexuais.

O tema do homossexualismo na Escola já havia sido citado, pelo ex-aluno Nivaldo Lemos, na crônica *Dores e Alegrias de uma escola beira-mar*:

A repressão à sexualidade e a eventuais transgressões incluía os sermões do Padre Gerardo na missa dominical, que, no mês de Maria, maio, passava a ser diária. Apesar disso, nos quatro anos em que lá estudei, um inspetor e dois alunos foram expulsos por homossexualismo. Num colégio interno só de rapazes, era natural que se formassem amizades, mas quando dois amigos andavam muito juntos, o mais novo era chamado de “garotão” (“Fulano é garotão de Beltrano”), numa insinuação maldosa de que eram mais que amigos, o que nem sempre era verdade. (Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2009)

Nivaldo explica as punições com mais detalhes:

Um caso disciplinar à parte - que provocava mal-estar à direção da escola e um misto de constrangimento e piada entre os alunos - era o homossexualismo. Os dois ou três casos que ocorreram na minha época foram punidos com prisão (reclusão geralmente num cubículo próprio ou, como no caso do Índio, na sala de jogos - que era fechada só para isso) e posterior expulsão da escola. Um destes casos envolveu um aluno (não me lembro quem) e um inspetor (Mariano), que foi afastado do cargo - não me lembro se foi demitido.

Em seus textos Nivaldo aponta dois aspectos muito importantes sobre alguns valores propugnados pela Escola: a perfeita conduta moral católica, cuidada pela ação religiosa e que era registrada pelos relatórios da Fundação, e a cultura do respeito à hierarquia. As representações sobre maiores e menores dentro da Escola, como neste caso em que o mais novo era o “garotão” do mais velho, apontam para uma distinção formal e simbólica com contornos específicos na Antiga Escola da Marambaia, já que a hierarquia entre maiores e menores era reforçada pela direção, na medida em que os primeiros comumente ocupavam cargos de PI.

Neste sentido é importante destacar o depoimento de Carlos Alberto que foi PI no CTDV. Entendemos que seu discurso se situa entre a oficialidade da ordem estabelecida pela direção e a informalidade característica do universo dos alunos. Sua resposta sobre o homossexualismo na Escola é uma importante representação sobre uma das relações entre a normas e práticas naquela instituição em fins dos anos 60:

Tinha uns dez lá e a gente batia neles, mas eu nunca ouvi falar que alguém foi punido pela escola por atitudes homossexuais. Tinha muito aquele papo de garotão, fulano é garotão de cicrano ou só anda junto, isso tinha e a cela eu sei que existiu, mas foi antes de mim (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

A FACR tinha todas as funções, dos Coadjuvantes de Educação (inspetores) e do Corpo de Monitores (alunos auxiliares), detalhadas em regulamentos e manuais. Pelo que consta nestes materiais dos anos de 1955 e 1956, respectivamente, não havia punição prevista para condutas homossexuais e sim cobrança de atenção destes funcionários e colaboradores para que não permitissem promiscuidade entre alunos no banho e na troca de roupa, por exemplo. Esta era a norma, que hoje se desencontra com os relatos de alguns alunos. Na prática parece que as sanções aplicadas pelos próprios alunos, como cita Carlos Alberto, poderiam encontrar respaldo em inspetores que podiam não observar a

agressividade das sanções aplicadas por alunos que exerciam um lugar de poder na instituição.

Sobre a observância da conduta da PI e dos monitores pela direção, perguntamos se eles poderiam ser destituídos do cargo e Carlos Aberto disse:

Eu não lembro se aconteceu, mas eles eram subordinados aos inspetores, que eram funcionários. Nem sempre o PI estava de serviço, tinha uma escala, aí se não estivesse de serviço ele era quase igual a um aluno qualquer. Esse era o momento de aproveitar as regalias, porque quem era do grupo fazia vista grossa com os seus e foi por isso que eu corri atrás disso. Quando ele estava de serviço, ele usava braçadeira e cassete, mas monitor não, ele era monitor o ano todo (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

O regulamento do Corpo de Monitores da FACR apresenta uma extensa lista de virtudes que devem ser valorizadas e praticadas por seus integrantes, assim como pela PI. Dentre elas está a conduta exemplar e a camaradagem. No entanto, este regulamento expressa somente uma organização no plano consciente, que não encontrava correspondência direta na sociabilidade interna da Escola, que recriava valores e práticas de acordo com a realidade vivida pelos alunos. Configuravam esta realidade a estrutura normatizadora e as resistências a essa própria estrutura.

Retomamos a fala de Carlos Alberto partindo de sua própria leitura sobre a estratégia que empreendeu para chegar ao posto de PI:

Pra ser PI dependia do que você era. Tinha que ser esperto e ter comportamento. Então o que eu fiz: tenho que ser monitor e PI! Pra fazer parte desse contexto, com a minha altura, eu tinha que falar mais alto. Depois que eu repeti eu comecei a trabalhar pra ser monitor da turma, que era escolhido pelos alunos. Eu criei condição, o esquema pra ser eleito monitor de turma. Primeiro eu fui sub-monitor. Eu era rebelde e quem me botava de castigo eram os grandes, aí quando eu fui eleito sub-monitor, no segundo ano, eu ascendi à PI e o negócio começou a ficar bom. O fato de eu ter começado a namorar uma das alunas do externato me ajudou muito, até porque eu passei a ser mais responsável e minha liderança em relação a eles ficou mais fácil, porque não era comum, tinham poucas meninas (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Do ponto de vista de Carlos Alberto, alcançar a condição de PI foi uma forma de se defender do castigo dos grandes, mas para atingir esse objetivo ele teve que fazer a sua política de acordo com a cultura da Escola. Pela sua estatura, deveria demonstrar personalidade se impondo e acredita que o fato de ter começado a namorar uma das

meninas do externato<sup>3</sup> lhe teria rendido um dividendo simbólico fundamental para o seu objetivo.

Quando a Fundação estabeleceu o convênio com o Estado e a ETDV passou a se chamar CTDV, foi introduzido o externato para meninas. Estas eram da própria Ilha e existiram em número reduzido em relação aos demais alunos. Conversamos com a ex-aluna Nilce Santos, nascida na Marambaia e filha de Eugênio Anizio que constituiu família a partir da Escola. Seus dois irmãos também estudaram no período do CTDV. Sobre suas principais lembranças do final dos anos 60 ela nos conta que:

De mais ou menos 300 alunos tinha umas 12 meninas. O convívio com os meninos era mais em sala de aula, porque o espaço externo era mais restrito não podíamos conversar com os meninos, porque eles seriam chamados à atenção. Nas retretas, que eram tipo uma festa e concerto na praça com os alunos da banda, aí todos dançavam e conversavam porque era permitido. Era proibido o namoro. Também fazíamos nossas bagunças. Na troca de professores os meninos batucavam e as meninas dançavam, meu irmão era o monitor da turma e avisava quando o inspetor chegava. A gente gostava do Quebra-Mar, lá batíamos papo e levávamos rádio-vitrola e discos da Jovem Guarda. Tinha um lindo pôr do Sol (Nilce Santos, ex-aluna do CTDV).

Pelo depoimento de Nilce Santos observamos também algumas das regalias e possibilidades que o status de aluno colaborador proporcionava. Este podia tirar proveito de sua condição para exercer uma liderança entre os seus colegas, que ia contra ao que os inspetores e diretores esperavam de sua função. Este tipo de fenômeno social escolar sempre foi e é muito comum entre representantes de classe, no entanto, como nos explicou Carlos Alberto, os monitores eram os olhos da direção na Escola e não uma ligação entre os alunos e a direção, ou em seus representantes, por meio dos quais pudessem fazer reivindicações.

Na perspectiva de Manoel Bastos, diretor por parte da Fundação, a PI teria chegado por volta de 1947 com a Marinha Mercante, tendo a função de patrulhar alguns pontos estratégicos até durante a noite, como dormitórios, setor educacional, padaria, Igreja, setor de transmissão elétrico, almoxarifado e etc.

Na ETDV eles poderiam vir a ser inspetores, como ele mesmo, que entrou como aluno, foi monitor, inspetor e chegou a ser diretor da parte administrativa e disciplinar. Segundo Manoel Bastos, a escolha era democrática, já que eram os próprios alunos que

---

<sup>3</sup> Ver imagem 12 do arquivo pessoal de ex-alunos do CTDV (1965-1971).

votavam nos monitores que seriam ajudantes dos inspetores funcionários da Escola. Entretanto, também afirma que a escolha precisava passar pela inspetoria e direção pedagógica para se fazer uma avaliação, porque eles eram o destaque.

Carlos Alberto mencionou alguns símbolos que eram explicitamente atribuídos aos monitores e PI:

Tinha uma solenidade que você era empossado e ganhava cassetete e braçadeira também. Pra mim isso era só uma figura de identificação e o monitor também tinha uma identificação, que eram as estrelas. O monitor chefe tinha, além da estrela, um apito num cordão com as cores do Brasil. Aquele apito era uma forma de poder, porque tudo lá era feito por apito. Hora do café, almoço, banho, era tudo com o apito. Todos ficavam imóveis quando escutavam o apito. Isso quem fazia eram os inspetores, que passavam pros monitores e PI. Se tocasse fora de algum horário, a gente sabia que era algum problema. Todos seguiam aquilo com muita naturalidade e eu fui aprendendo que quando escutasse deveria ficar parado se não teria castigo. E tinha também a corneta que tocava na alvorada e na hora de dormir. Na hora de dormir, apagavam-se as luzes e não podia ter algazarra, mas de vez em quando a gente aprontava com os inspetores colocando lixeira na porta pra cair em cima dele. A gente fazia muito essas coisas com o Seu Edvaldo, porque ele também implicava muito com a gente. E tinha aquela história, ninguém entregava ninguém, entregou levava porrada (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Sobre o uso do cassetete Carlos Alberto conta que era apenas uma figura pra impor respeito, para diferenciar a sua condição, não tendo uso efetivo. Disse nunca ter visto algum PI usar o cassetete pra bater em ninguém.

No meu tempo era muito cascudo que os maiores davam nos menores. Também tinha paulada e pedrada entre os alunos, normal nessa idade. Era um monte de meninos querendo conquistar seu espaço, mas não tinha perversidade não (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Também perguntamos se o PI estava hierarquicamente acima do monitor:

Não. Era a mesma gradação, mas o monitor tinha responsabilidade sobre a turma dele e o PI era por todas. O monitor, por exemplo, tinha que verificar o uniforme e a postura na forma da sua turma. Os alunos eram ajudantes da disciplina do colégio, eles tinham autoridade pra punir, quando estivessem sob a responsabilidade deles. As punições eram perder o fim de semana, ficar no banco dos réus, perder as brincadeiras, jogos, biblioteca etc. O PI usava um cassetete e uma braçadeira quando estava de serviço (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Sobre as lideranças e formas de se conseguir destaque no CTDV o ex-aluno Nivaldo Lemos escreveu:

Do ponto de vista da direção da escola, os alunos que mais destacavam eram incentivados a se tornar monitores ou GTs (Grupos de Trabalho) - estes últimos organizavam áreas como Cultura, Segurança, Esportes, etc. Eu, por exemplo, era GT de cultura, o que me dava obrigações, como tomar conta de biblioteca e participar da organização de eventos cívicos e culturais (Dia da Bandeira, 7 de Setembro, Dia das Mães, etc.), mas também privilégios, como ir para casa a cada dois meses e ter comigo a chave da biblioteca (o que me permitia refugiar-me lá para fugir das missas, ler e fumar - às vezes, com alguns amigos) (Nivaldo Lemos, ex-aluno do CTDV).

Sobre os espaços de evasão da ordem, por exemplo, Nivaldo conta que:

A exemplo de tantas outras escolas públicas da época e de hoje, os alunos malvistos eram sempre aqueles que se rebelavam contra os cânones - sejam disciplinares, sejam pedagógicos. Aí se incluem os alunos que fugiam do perímetro da escola, os que faltavam as aulas, os que tiravam notas muito baixas, os que brigavam, os que se insurgiam contra os inspetores e os rigores disciplinares da escola e por aí fora. Mas esta também não era uma condição imutável. Muitos que eram mal vistos passavam depois a ser admirados - seja pela adaptação dos alunos ao status quo, seja pela superação de suas dificuldades ou mesmo por alcançarem destaque em alguma área, como na educação mesmo, na banda de música, no futebol, etc (Nivaldo Lemos, ex-aluno do CTDV).

Sobre a produção de lideranças entre os alunos, ou melhor, sobre a impossibilidade do surgimento destas lideranças, Nivaldo explica que:

Líderes, que lembre, havia o Manolo e o Ademir (ambos zagueiros da seleção de futebol da escola). Mas era uma liderança mais em campo. Até por que a liderança era exercida pelos inspetores e alunos monitores - quase sempre de maneira autoritária, de acordo com o que a escola defendia. Não lembro de nenhum líder natural, capaz de se impor aos grupos pelo carisma. Acho que a escola não dava espaço para esse tipo de liderança (Nivaldo Lemos, ex-aluno do CTDV).

As considerações do Nivaldo, assim como os relatos dos outros ex-alunos, permitem retomar o que Antonio Cândido sugeriu sobre a estrutura informal da escola:

No caso da Escola, considerando-se a presença duma super-ordenação racional expressa na administração e no ensino, e de uma população imatura com problemas específicos de ajustamento, torna-se evidente que as relações entre ambas dêem lugar a uma diversificação de relações, atitudes, comportamentos, valores. Por outras palavras, a escola constitui um ambiente social peculiar, caracterizado pelas formas de tensão e acomodação entre administradores e professores - representando os padrões cristalizados da sociedade - e os imaturos que deverão equacionar, na sua conduta, as exigências desta com as da sua própria sociabilidade (CÂNDIDO, 1956).

No CTDV os ajustamentos eram pensados pela equipe dirigente, no sentido de inculcar valores ligados a concepção de ordem, disciplina trabalho, além de educar para a saúde física, através do esporte e espiritual pela religião. Como assinalado pelo ex-aluno Nivaldo, os que se destacavam no aprendizado das disciplinas lecionadas, no futebol ou na banda de música, eram estimulados a serem monitores ou a participarem dos Grupos de Trabalho. Pelo que ele nos relata, o rigor e detalhamento na ordenação dos tempos, dos espaços e das hierarquias, todos estabelecidos formalmente e preenchendo toda a vida dos alunos, não permitia o surgimento de lideranças próprias entre os alunos. Os desajustados teriam como alternativa se ajustarem para conseguirem se destacar dentro da Escola. Os relatos de Carlos Alberto também mostraram um pouco desta dinâmica e da forma como se podiam equacionar suas condutas. De certa forma, podemos dizer que não havia muitas possibilidades dos alunos recriarem suas próprias existências sem passar pro “lado de lá”, dos que pretendiam ajustá-las a um modelo.

### **4.3 Mudança, hierarquia e conflito**

#### **Da ETDV ao CTDV: novas práticas, novos significados**

O ano de 1965 foi um grande marco para a Antiga Escola da Marambaia. No relatório deste ano Rodolfo Fuchs, então superintendente geral no exercício da provedoria, expõe aos conselheiros os problemas pelo qual passava a ETDV. Destaca que, pela Lei de Diretrizes e Bases de 1963, o curso industrial básico de pesca não poderia mais ser ministrado, permanecendo apenas o direito de existência das escolas de aprendizagem ou cursos artesanais. Desta forma, os cursos básicos industriais seriam transformados em ginásios industriais. Para Rodolfo Fuchs a Fundação só tinha conseguido, até aquele momento, atrair um professorado modesto para aquela Ilha, o que dificultaria a transformação da Escola em curso ginásial. A ETDV já enfrentava há alguns anos o problema com a falta de professores, inclusive tendo perdido muitos daqueles que, nas palavras de Rodolfo Fuchs, “foi possível atrair”.

Ainda de acordo com Rodolfo Fuchs, surgiram diversos problemas administrativos surgidos da nova organização que dividia a Escola em duas partes, mas que teriam sido resolvidos pela “compreensão” de Aduary Alheiros, diretor do ginásio industrial, e pela “solicitude” de Manoel Bastos, diretor do internato. Ele destaca que foi um grande passo

dado pela Fundação, por conseguir fazer funcionar em seu sistema educacional um curso que possibilitava atingir o nível superior. Para isso, todos os alunos do seu curso primário deveriam apresentar as condições exigidas por lei, a fim de prosseguirem os estudos. Os alunos da Fundação teriam sido incentivados, mas segundo Rodolfo Fuchs, os resultados negativos, mesmo entre os de maior capacidade intelectual, dificultaram o acesso ao curso ginásial. Ainda assim, comemora o fato de um funcionário ter conseguido matricular um filho e uma filha como alunos externos do ginásial. Finaliza sua carta aos conselheiros em 1965 com as seguintes palavras:

Será quem sabe, êsse novo curso ginásial um seminário para futuros funcionários e professores da “Fundação,” possibilitando-lhes um aprimoramento de suas atividades educativas e formativas do menor desvalido (Rodolfo Fuchs em carta aos conselheiros. FACR, 1965).

Nas entrevistas feitas com o professor Aداury Alheiros e Manoel Bastos, que já estava lá quando foi firmado o convênio, foram apresentadas algumas informações importantes sobre essa transição. Começamos pelas observações do professor Aداury Alheiros sobre o ano de 1965:

Quando eu cheguei eram uns duzentos meninos. Então, o meu trabalho inicial foi ver o nível de educação desse pessoal, quem tinha mais, tinha o segundo ano ginásial incompleto e grande parte dos alunos não tinham nem exame de admissão. Então eu primeiro fui arranjar professores, autorizados né. Porque na Fundação não tinha, só tinha lá os inspetores deles e os coadjuvantes de educação tomando conta desses meninos. Na realidade a escola era um abrigo, ela não tinha mais nenhum curso em atividade, ela não tinha professor. Ela tinha um diretor do internato, o Sr. Manoel Bastos e os coadjuvantes de educação (inspetores) e mais o pessoal de cozinha, padaria e esses serviços gerais, ensino não havia (Aداury Alheiros, ex-diretor de ensino do CTDV).

Para o diretor de ensino no início do ano de 1965 a Escola, como espaço de aprendizado acadêmico, praticamente não existia. Reafirmando o que Rodolfo Fuchs declarou no relatório de 1965, a representação feita por Aداury Alheiros sobre os funcionários da Fundação caracteriza pessoas que não tinham muito preparo e que estavam lá para cuidar de alunos também despreparados. Sobre o convênio ele destacou que a parte física era da Fundação e que a parte pedagógica era do Estado. Também afirmou que era o diretor geral e que o diretor Manoel Bastos era responsável pelo internato. Quando

entrevistamos o diretor Manoel Bastos ele também nos contou sobre o convênio e seu depoimento difere um pouco do que foi colocado por Aداury Alheiros a respeito do ensino:

Quando veio o Estado o ginásio passou a ser responsabilidade deles. O professor Aداury ficou com o ensino e eu com a parte disciplinar. Do ensino da pesca acabou ficando somente o adestramento de marinharia de pequenas embarcações, afinal a escola funcionava numa ilha. A parte administrativa e disciplinar era da Fundação, continuaram os inspetores, auxiliares administrativos, almoxarifado e padaria. Eu continuei dando a aula de marinharia prática e o Aداury assistiu a primeira. Era para um grupo de voluntários ou a gente formava um grupo. Eles aprendiam continência com o remo também. Eu não sei te dizer se continuou esse aprendizado depois que eu saí em 1967 (Manoel Bastos, ex-diretor administrativo do CTDV).

Manoel Bastos, que também foi aluno da ETDV, falou com muito orgulho sobre os anos 40 e 50, quando a Escola tinha o ensino da pesca, chegando a formar telegrafista, já que tinha uma torre de emissão e recepção no Abrigo em Bonsucesso<sup>4</sup>. Também recordava com frequência das visitas dos governantes e dos alunos que foram para a um intercâmbio na Universidade de Coimbra. Ele não fez comentários, neste sentido, sobre o período em que permaneceu como diretor administrativo do CTDV, quando o ensino da pesca já não existia.

Embora a mudança tenha sido notória, muito do que já existia, anteriormente à chegada da direção de ensino do Estado em 1965, continuou sendo praticado pela nova gestão. Aداury reconheceu que a FACR tinha seus manuais e regulamentos muito organizados. Vale ressaltar que ele forneceu boa parte do material da Fundação para esta pesquisa. Perguntamos sobre a permanência da PI e da estrutura disciplinar: da Fundação:

O nome era pessoal de informação. Quando eu assumi, o Estado só me deu três inspetores, mas nada. O resto, tudo era da Fundação eles recebiam minha ordem, mas na verdade eles não estavam subordinados a mim. Estavam subordinados mais ao diretor do internato. Então, eu criei grupos de trabalho porque eu não tinha gente pra cuidar daquilo tudo. Pensei vou fazer terapia ocupacional, botar esse pessoal pra jogar, estudar, limpar a escola, não tem quem limpe. Eu comecei a botar na cabeça deles que aquilo não era só a escola deles, mas também a **casa deles** e que eles teriam que cuidar bem da escola e que toda semana ia visitante e que eu não tinha gente pra fazer aquilo tudo. Cada grupo de aluno pertencia a um grupo de trabalho. Um era o GT da servência. Quando todo mundo ia comer tinha aquele grupo que ia na cozinha e trazia os pratos pra servir e depois também ajudavam na limpeza, porque a Fundação tinha pouca gente. Tinha o pessoal de informação que cuidava da segurança da escola, tinha que todo dia de manhã hastear a bandeira. A escola era toda aberta se você quisesse fugir, fugia. Eu tracei os perímetros. Tinha o GT da limpeza, pra você ter

---

<sup>4</sup> Ver imagem 11 do Regimento Interno (1962).

uma noção as salas de aula eram enceradas por eles, que chegaram a um ponto de ter orgulho de mostrar a escola. Eu recebi a visita de uma diretora de departamento que me disse que de todas as escolas que ela visitou a única que tinha o banheiro limpinho era a minha. Eu disse que era graças aos alunos. Eles tomavam conta de tudo (Adaury Alheiros, ex-diretor de ensino do CTDV).

E sobre o desmantelamento ou descaracterização de aspectos importantes da estrutura antiga da escola, ele acrescenta:

Agora, eu mudei muita coisa lá. Por exemplo, quando eu cheguei lá tinha uma prisão. A antiga estrutura admitia uma prisão, quando eu cheguei havia um aluno preso. Eu perguntei qual era a idade e disseram 18 anos, aí eu falei com o Dr Fuchs que eu não queria. A minha escola não pode ser correcional e nessa idade não dá mais e disse pode tirar essa prisão e assim ela acabou. Então quer dizer tinha punição de prender a pessoa. Eu implantei um sistema que tinha o A1, primeiro aluno da escola, o A2 segundo aluno da escola, o A3 primeiro aluno da sala e o A4 segundo aluno da sala. Era uma espécie de comandante e subcomandante. A disciplina partia daí também. Apesar de ser de uma família de militares, essa não era a minha aptidão. Mas quando eu cheguei diante daquela situação com poucos inspetores brancos, que o Estado me disponibilizou, um mundaréu de alunos e uma escola aberta. Não tinha muros e eu precisava de uma estrutura mínima e a estrutura mínima que eu conhecia que funcionava no país, que nós vivíamos num período de Revolução, era a disciplina militar. Mas eu não quero disciplina de bater continência, mas eu quero que eles entendam que há necessidade disso. E que a Escola era mais que uma escola, era a casa deles. Era muito difícil eles entenderem, mas eles estavam entendendo. Tive muitos problemas, mas eu acreditava realmente que o país ia decolar. Quando eu vi minha escola fechar, porque o Estado não quis assumir, aí eu comecei a ficar triste (Adaury Alheiros, ex-diretor de ensino do CTDV).

Pode-se perceber em seu discurso que ele teria rompido com certas práticas, como a da cela, adaptado outras mudando praticamente só o nome (para os alunos sempre foi Polícia Interna e Monitores) e incluído, por exemplo, os GTs. Estas mudanças de práticas apontam para aspectos de uma possível estrutura informal, que não estava prevista, pelo menos nos manuais e normas da FACR. Ela também reflete a crise de função e de currículo da Escola.

### **Entre os “Lords” e “os da Fundação”: diversificação e hierarquização**

Com o convênio estabelecido entre o Estado do Rio de Janeiro e a FACR em 1965, a Escola também passou por uma fase em que coexistiram dois perfis principais de alunos, que foram identificados nas falas dos entrevistados.

Adaury Alheiros, diretor de ensino do Estado, relata que quando assumiu a Escola, naquele ano, esta era composta por alunos remanescentes da Fundação. Portanto suas primeiras iniciativas se deram no sentido de readaptar esses alunos a uma nova realidade:

Eu pegava um pessoal difícil que não tinha pai nem mãe. Então, outra medida foi trocar as bandejas por pratos, pois eu achava que eles deviam comer com prato e várias vezes peguei nas mãos deles pra ensinar a comer. Também troquei as beliches de marinheiro por camas. Mandeí deixar só um pavilhão com isso. Eles vão dormir em beliche o dia que eles embarcarem. Então o aluno começou a perceber isso (Adaury Alheiros, ex-diretor de ensino do CTDV).

Assim como ouvimos em outros depoimentos, Manoel Bastos, que foi aluno ainda na década de 40, disse que na Escola todos tinham pai e mãe, porque a “Marambaia era a menina dos olhos do governo e da Marinha”. Ele sustentou que sua composição era de meninos pobres e praianos oriundos de vários Estados. A pesquisa não dispõe de dados que confirmem uma mudança da composição de alunos, que iam para a Marambaia nos últimos anos da ETDV, sobretudo quando a pesca estava sendo desmantelada. Mas alguns relatos nos fazem trabalhar com a hipótese de que isso aconteceu.

Pompilio, por exemplo, chegou à Escola em 1963 por conta própria e não era filho de pescador. Ele queria participar da banda e foi pra Ilha sem autorização prévia dos pais:

Eu mostrei lá pro mestre do barco a carta e fui. Cheguei lá à noite e o mestre do barco me entregou lá pro PI e disse o garoto aí vai pra Marambaia. Quando eu fui recebido pelo inspetor do dia eu disse a ele que queria ser músico e tocar na banda, passei a noite na prefeitura e no dia seguinte o Seu Matias, que era do reembolsável e do armazém, me de roupa e aquilo pra mim era um negócio de doido, calça comprida e sapato, coisas que eu nunca tinha usado na vida. Me mostraram onde era meu alojamento, com aquelas camas de lona penduradas na parede, tipo de navio mesmo, e Seu Matias disse: menino, você vai ficar comigo. Eu fiquei ajudando ele lá recebendo as mercadorias que chegavam na escola. Depois eu passei a ajudar também o pai da Ivone que era motorista do único veículo que tinha lá, um caminhão de pequeno porte. E assim eu fui ficando (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Segundo Pompilio, seu pai não teria ficado preocupado e dizia com orgulho que seu filho estava na Marambaia. Isso teria sido por volta de 1963, quando a ETDV estava em decadência e poucos anos antes do convênio com o Estado. De acordo com as informações obtidas através dos relatos orais, a Escola nesta fase era composta por muitos alunos órfãos oriundos de diversas unidades da Fundação. Muitos alunos antigos, filhos de pescadores tradicionais de vários Estados que chegaram nos primeiros anos da Escola, eram funcionários sem muita perspectiva diante da crise institucional, com o ensino da pesca praticamente extinto. De acordo com Pompilio, quem se chamava dos Santos, das Dores e dos Anjos era “filho de Fundação”, sem pai nem mãe. Com a chegada do ginásio é que teria chegado o pessoal com nome e sobrenome.

Os depoimentos do diretor Aduary Alheiros e de outros ex-alunos do CTDV apontando a existência de muitos órfãos entre os alunos da Fundação, reforçam a ideia de que o fluxo de alunos entre as unidades da FACR pode ter passado por mudanças, em relação a Marambaia no fim da década de 60, por conta do sucateamento das atividades pesqueiras que não podiam atender mais aos seus objetivos de origem. Sabemos que nas primeiras décadas de funcionamento da Escola, só eram aceitos filhos de pescadores e que os órfãos eram mandados para outras unidades da FACR.

De fato, a partir de 1965 passou a existir dois perfis de alunos no CTDV: “os do Estado” e “os da Fundação”. Aduary Alheiros diz que não os diferenciava, porque para ele eram todos alunos. O que ele nos contou sobre as formas de ingresso nos revela aspectos interessantes:

Se a Fundação me mandasse mais dez alunos eu ficava. Eu tinha que adequar o número máximo que a Fundação me permitia e que o Estado também garantia que eu tivesse. Eu saía de barco com dois professores e ia fazendo exame de admissão em Paraty, Angra e Mangaratiba pela parte do Estado. Por parte da Fundação era problema de convênio. Agora, eu não tinha como fugir da influência política, porque era pedido lá de cima. Como também, teve aluno que eu tive que mandar embora porque era aluno que não se enquadrava. Eu sempre disse que a escola não era correccional (Aduary Alheiros, diretor de ensino do CTDV).

Conforme o exposto acima, o diretor de ensino se viu diante de um dilema, que para ele se colocava pela exigência de atender a um tipo de aluno, por parte da Fundação, e a garantia que o Estado lhe dava para formar um elenco de alunos que ele almejava. Além

disso, havia uma demanda de alunos para cursar o ginásio em regime de internato, que se originava de alianças políticas.

A entrada do ex-aluno Carlos Alberto no CTDV é um exemplo de indicação política, pelo que nos contou sua vaga foi conseguida junto a um político amigo de seu pai, que era advogado:

Foi em 1966, meu pai era advogado e conhecia o secretário de Educação de Niterói e foi através dele que me pai teve conhecimento da escola, aí fomos pra Rio Claro fazer uma prova e ingressei naquela Escola que eu nunca tinha ouvido falar. Eu morava em Irajá e tinha 12 anos, como eu era muito santo sabe (risos), meu pai resolveu me colocar no colégio interno. A origem da Fundação eram alunos de vários internatos e a partir da chegada do Estado a coisa mudou, porque eu estudei com filhos de pessoas de destaque na política, como por exemplo, o sobrinho do Carlos Lacerda e os filhos do prefeito de Mangaratiba. Agora, não era um colégio para aquelas pessoas, porque eminentemente ele era para pessoas que não tinham condição. Porque essas pessoas foram estudar lá? Porque era muito bom em nível de ensino, eu consegui porque meu pai era político. O colégio não era pago, era estadual, só se pagava uma taxa trimestral. Era tão bom que vários alunos saíam do ginásio direto do quarto ano ginásial pro Centro Federal de Educação Tecnológica Suckow da Fonseca, ali na avenida Maracanã (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Este depoimento reflete como a Escola passou de uma fase decadente em suas atividades de formação técnica para uma outra que privilegiava a formação acadêmica. Aos poucos foram chegando alunos, que passavam pela prova de admissão e eram indicados para estudar no CTDV, que passou a contar com um novo grupo de alunos, que pudessem corresponder às novas metas de ensino. Parece que a partir de 1966 o CTDV já era reconhecido pela sua qualidade acadêmica, segundo depoimentos de pessoas que lá estudaram.

Alguns ex-alunos citaram uma distinção entre alunos do Estado, que chegaram após o convênio, e alunos da Fundação, remanescentes do ensino da pesca. Entretanto, para Carlos Alberto havia uma clara diferença entre os alunos da Fundação e os alunos do Estado. Entretanto, não reconheceu a existência de uma diferenciação entre “Lords” e “os da Fundação”, mas afirmou que já ouviu falar sobre isso:

Eu ouvi falar dos Lords agora, que o Pompílio, Calango e o Hélio falam. Mas eles eram anteriores a mim, o Pompílio era da época da escola de pesca. Ele foi pra lá sozinho e tem uma história muito particular. Tudo o que eu falei sobre PI e monitor, por exemplo, é do conhecimento de todos, mas essa história dos Lords não é do conhecimento de todos (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Carlos Alberto chegou ao CTDV em 1966, quando o Estado já havia assumido a direção de ensino. O ex-aluno Pompilio da Silveira disse que o impacto da chegada dos Lords foi sentido no primeiro ano de gestão do professor Aduary Alheiros:

Era o pessoal do ginásio que não precisava lavar a própria roupa, não precisava fazer sua comida, sentava e vinha a comida pronta. A escola era auto-suficiente, vivia dela mesma, todo mundo sabia tirar leite de vaca, sabia pescar, capinar, plantar horta, costurar bainha, tirar mancha do macacão e etc., de repente chegaram os Lords, que não sabiam nada daquilo e nem queriam e nem precisavam saber, eles usavam calça branca e camisa azul e nós usávamos macacão. Aí, quando eles chegavam com aquela roupa passadinha que nós passávamos pra eles nós não gostamos. Sabíamos que ia chegar gente nova. Estavam sendo preparados os pavilhões e arrancaram as camas de lona e chegaram camas, lençóis, travesseiros e fronhas e a gente tendo que carimbar aquilo tudo, de repente chegou colchão, calça de mescla, camisa branca e a gente pensando: caramba vamos ter que passar isso tudo. E aí chegou o barco com 400 alunos que não sabiam fazer nada que a gente fazia. Pra quem tava chegando não teve atrito, mas pra gente que já estava teve sim. Os Lords acordavam de manhã pra ir à missa e nós acordávamos pra tirar leite da vaca, então tinha uma diferença (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Segundo Pompilio, esta situação de 1965, quando “os da Fundação” trabalharam para receber os “Lords” que não trabalhavam, foi modificada aos poucos. Lembra, também, que improvisaram uma primeira turma formada por alguns alunos com melhor condição de acompanhar os estudos e os “Lords”. Contudo, a maioria dos alunos da Fundação foi deslocada, sendo mandada para outras unidades da Fundação ou simplesmente saindo. Ele também afirmou que inicialmente havia distinções, como pela ocupação dos pavilhões, funções desempenhadas e uniformes, mas que logo em seguida os alunos da Fundação teriam se integrado aos “Lords.” Posteriormente, como já era de costume, muitos alunos da Fundação passaram a ser funcionários do colégio.

Para Pompilio, as mudanças efetivas foram o trabalho e o ensino. O trabalho continuou existindo através dos GTs e feitos por voluntários, não havendo mais a especialização, como no período da ETDV, quando o aluno era responsável pelo seu trabalho. A PI, por exemplo, era uma espécie de carreira de inspetor, mas no ginásio a PI não tinha essa perspectiva futura. Sobre as mudanças relacionadas ao ensino ele destacou:

Os nossos diretores eram muito bons para o nosso padrão da Fundação, porque existia uma consciência de respeito, de hierarquia. Tínhamos a exata noção de que o monitor era mais do que o aluno, o inspetor era mais que o monitor e que era menos que o chefe de inspetores. Nós tínhamos grande admiração pelos nossos mestres, que não eram letrados, mas sabiam muito de marcenaria ou de pesca, por exemplo. Eles eram

muito competentes em seus ofícios, mas não sabiam ler e escrever muito bem. Muitos saíram, mas os que continuaram passaram a ter que colocar todo mundo pra ler e escrever, mas eles mesmos não sabiam. Eles sabiam na prática as técnicas relacionadas à sua especialização. Antes eles não eram chamados de professores e sim mestres. Quando veio o ginásio chegou aquele bando de material e ninguém sabia pra que servia caderno e caneta direito (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

A existência dos “Lords” não foi identificada, pelo menos com esta denominação, na fala do diretor Aduary Alheiros. Para ele o pessoal do Estado era “um pouquinho melhor”, mas reforçou nunca ter feito qualquer tipo de distinção. Afirmou que, se havia era entre eles, porque só se falava em alunos do Estado e alunos da Fundação, em termos administrativos. Entretanto, o diretor Manoel Bastos tem outra visão sobre essa questão:

Pra fugir das despesas do ginásio, por isso que eram chamados de os Lords, porque era filho de fulano e cicrano e não precisava estar ali. Vieram para que? Acabaram pisando nos que estavam lá, porque viram até na postura dos professores que pisavam na Marambaia. Quando chegou o ginásio já tinham poucos alunos da Fundação, porque a maioria foi mandada pra outras unidades (Manoel Bastos, ex-diretor administrativo do CTDV).

Portanto, havia uma grande tensão na transição administrativa da Escola, que foi gerada pelo convênio. Esta tensão explica-se, em parte, pela certa indefinição de papéis e atribuições, que tinha o aluno como cerne do problema. Isto porque o CTDV tinha como objetivo a formação acadêmica do ginásio, mas existia um grupo de alunos remanescentes da ETDV, que não tinham condições de se adaptarem naquelas circunstâncias.

Formalmente não existia nenhum problema, pois o convênio era bem claro em relação às atribuições de cada direção. O que ocorria é que na prática cotidiana da gestão escolar, diante da nova realidade que se colocou para ambos os lados, a interação das duas administrações não foi tão simples. Subjacente a este conflito administrativo estava a coexistência de duas tradições de ensino, uma voltada pra formação profissional de desvalidos e a outra para formação acadêmica de alunos mais abastados. Ao contrário do que declarou Rodolfo Fuchs aos conselheiros, quando foi estabelecido o convênio em 1965, a realidade dos anos seguintes parecia não corresponder ao otimismo depositado pelo superintendente no futuro da Fundação e da Marambaia. A possibilidade do acesso ao ensino superior, que a nova fase da Escola permitia, se concretizou em escala muito maior

para os alunos do CTDV, enquanto para uma boa parte dos antigos alunos da Fundação, não foi possível nem mesmo a permanência no ginásio.

#### 4.4 A Escola e a comunidade

Entendemos que a Ilha da Marambaia possa ser caracterizada como uma comunidade, no sentido de que ela apresenta características de um espaço social bem delimitado, composto por laços sociais que desfrutam de características comuns. A chegada da Escola trouxe uma nova dinâmica para este espaço e passou a constituir um forte elemento de identificação dos moradores com a memória da Ilha.

Como a Escola era de difícil acesso, foram construídas moradias para os funcionários. Muitos alunos, que vieram de outros Estados, passaram a maior parte de sua vida na Ilha e lá constituíram família. Este é o caso de Eugênio, por exemplo, que foi levado de uma colônia de pescadores de Pernambuco para a Marambaia com um grupo de 15 alunos. Com a introdução da Escola a Ilha passou a estabelecer uma relação mais freqüente com as localidades mais próximas, através do comércio e da troca de serviços. Assim, Eugênio, que passou a funcionário e responsável pela fábrica de sardinha, conheceu sua esposa em Itacuruçá. Eugênio morava na república para os solteiros e depois que se casou ganhou uma casa, onde criou seus filhos que também estudaram na Escola. Sobre a relação da Ilha com as regiões próximas ele conta que:

Na nossa fábrica de gelo saía umas 200 pedras grandonas de gelo que também eram vendidas pras ilhas próximas, pros barcos pesqueiros da região. Eram sete barcos, cinco pesqueiros e dois de transporte. Tinha transporte de óleo para os geradores e comida. As ilhas próximas compravam gelo, óleo, um monte de coisa da escola. Na Marambaia ficavam as traineiras e os barcos de pesca em alto mar ficavam no porto do Rio. No tempo da fundação o turismo era livre na Ilha e tinha funcionários pra limpar a praia além dos próprios alunos que ajudavam na limpeza. A areia era branquinha, parecia açúcar (Eugênio Anízio, ex-aluno e ex-funcionário).

O diretor Manoel Bastos lembra que a Fundação recebia tantos presentes de Natal, que sobravam e eles distribuíaam os brindes pela Ilha toda:

Olha, eu conheci a Ilha da ponta até a Praia do Sino, de frente pro antigo presídio da Ilha Grande, porque a Fundação recebia muitos presentes de Natal, muitos mesmo que sobravam e aí nós distribuíaamos os brindes pela Ilha. Era uma alegria só. Foi uma bênção para aquela comunidade, porque passou a ter serviços nunca vistos (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-funcionário da ETDV e ex-diretor administrativo do CTDV).

Pompilio contou sua trajetória como morador do interior de Mangaratiba que conseguiu chegar até a “Escola da Marambaia”. Ele tomou conhecimento da existência da mesma, assistindo as famosas apresentações de sua banda nos eventos cívicos no centro de Mangaratiba. Ele conta que Mangaratiba era uma cidade pequena que também tinha sua banda, mas que não se comparava com a da Marambaia, que tinha todos os instrumentos, uniforme azul de marinheiro, com todos marchando juntinhos. Aquilo tudo o teria impressionado muito, como um garoto que não tinha rádio e nem conhecia escola. Só tinha uma professora que ensinava os meninos na fazenda, de onde via as luzes da Marambaia, que pra ele era um outro mundo. A forma como Pompilio relata sua chegada é tão rica em detalhes que merece ser destacado um considerável trecho:

Eu sou da roça do município de Mangaratiba, bem lá pra dentro numa fazenda. Meu pai era meeiro. Quando eu tinha uns dez, onze anos eu era moleque esperto e já ia pra cidade fazer compras pra fazenda e colocava as coisas no lombo do burro porque o meio de transporte pra chegar de lá até Mangaratiba era burro. A gente chamava Mangaratiba de Vila, que ficava a uns 20 km, e as opções eram burro, canoa ou a pé. Isso por volta da década de 60. E aí, numa dessas idas à Mangaratiba pra fazer compras eu vi a banda da Escola lá tocando e eu me amarrei naquilo. Eu vi aquele negócio e fiquei doido e disse quero participar desse negócio aí. Mangaratiba era um ovo e tinha uma banda da escola de Mangaratiba, mas nem se comparava com a da Marambaia que tinha tudo, tinha saxofone, tuba, prato e tal e o que me impressionou também foi aquele azulão, aquela roupa de marinheiro e pessoal todo marchando juntinho e aquilo tudo pra mim era novidade, porque a gente não tinha rádio não tinha nada e eu nunca tinha ouvido falar da banda e nem da escola. O que eu sabia de escola era a professora que ensinava a gente na fazenda. Eu ouvia o pessoal dizendo escola da Marambaia e lá da fazenda eu via umas luzes e sabia que era a Marambaia, mas aquilo pra mim era um negócio totalmente distante, era um outro mundo (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Sobre a influência de políticos para o ingresso na Escola:

Até que um dia, não sei se era 7 de setembro, aniversário da cidade ou dia da padroeira, eu vi a banda e comecei a perguntar como eu deveria fazer pra entrar na Escola, e tinha lá um garoto mais ou menos da minha idade que era filho de político, eu disse a ele: eu quero ir lá pra aquela escola da Marambaia e me disseram que o seu pai tem condição de me mandar pra lá. Ele falou com o pai dele que me deu um papel escrito tipo: que atenda ao portador como se fosse a mim. Aí eu comecei a perguntar como eu iria pra lá e me disseram que o barco saía de Ibicuí. Eu fui no mesmo dia e mandei avisarem lá em casa que eu fui pra Marambaia (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Sobre a relação entre os alunos e os moradores da Ilha no fim dos anos 60 ele relata que:

Os funcionários da Fundação mais antigos tinham mais contato. Por exemplo, tinham as retretas que eram feitas pela banda da Escola para os funcionários, mas o aluno que não era da banda não tinha acesso a isso. Os alunos da Fundação tinham uma relação com a comunidade que era relativa à pesca, ao trabalho e à própria convivência no reembolsável e no armazém. Os “Lords” não tinham praticamente nenhuma.

Adaury Alheiros, diretor de ensino do CTDV também fez uma longa descrição das suas lembranças sobre as relações da Escola com os moradores da Ilha, destacando o universo do trabalho e dos serviços que atendiam a comunidade:

Quando chegamos, a estrutura física do ensino da pesca funcionava pra Fundação arrecadar alguma coisa, por exemplo chegava uma traineira com um problema no casco do barco, eles puxavam, eles tinham funcionários sem formação em escolas, era o aprendizado normal deles ali, e eles consertavam lá o barco, calafetavam, pintavam e raspavam. O centro comercial de lá, que a gente chamava de centro comercial porque tinha Soraia com um armarinho, ao lado tinha o Darciano com um empóriozinho, atrás tinha o restaurante do Álvaro, onde nós, todos parentes entre si mais ou menos, fazíamos refeição era uma senzala, pedra mesmo colada com aquela mistura de óleo de baleia e cal e telhas feitas nas coxas dos escravos. Então lá **eu vi** negro de 125 anos! Eram várias praias e eu dizia assim pro padre Geraldo: - Padre, o que o senhor vai fazer hoje? E ele dizia: - Hoje eu vou consertar casamentos e ele ia nessas comunidades de pescadores que eles denominavam de ranchos, eles tinham as embarcações muitas das quais esculpidas na madeira chamada bacurubu, nós tínhamos também lá, porque os alunos antigos da Fundação aprendiam da pesca. Então tinha negros e alguns trabalhavam na Fundação, eram muito pacíficos e a gente rebocava eles pra Itacuruçá, quando eles iam vender o peixe. E eles realmente eram os primeiros habitantes da Ilha, independente da população da Fundação (Adaury Alheiros, ex-diretor do CTDV).

Os serviços que o CTDV ofereceu aos moradores também foram ressaltados pelo diretor de ensino:

Nós dávamos casa, comida e estudo o ano inteiro, pro pai do aluno era uma beleza. Aí eu vi que os alunos tinham problemas de saúde sérios, então eu contratei na disciplina de ciências um médico e um dentista e fizemos uma carteira de saúde, fizemos não, copiei da Fundação e melhorei. Você chegava lá e eu fazia uma ficha de saúde, tinha a parte do médico e do dentista, independente da ficha biomédica que estava no histórico escolar. A primeira coisa que o aluno fazia era o exame biomédico, media altura peso e tudo mais. Os alunos que precisavam de operação faziam pela Fundação durante as férias. Todos chegavam lá mirradinhos, mas depois cresciam, comiam bem, muito boa educação física e tinham o mar ali na frente, então depois ficavam fortes. Independente disso, tivemos muitos problemas que foram sendo resolvidos aos poucos e o começo foi mais ou menos assim. E a Marambaia foi de um jeito, que às vezes eu tive que me esconder porque eu não tinha mais, chegamos a ter perto de 400 alunos, podia ter muito mais do que isso, mas o convênio não permitia.

De acordo com Arruti, o futebol sempre exerceu um importante papel como rede de sociabilidade entre os moradores da Marambaia (ARRUTI, 2003). Contudo, segundo o diretor Adaury, esse foi um dos problemas a serem resolvidos, quando praticado nas dependências da Escola:

Quando eu cheguei o campo era utilizado pela comunidade e continuou sendo utilizado, inclusive o cinema que nós pegávamos um filme por semana, eu comprei uma tv e instalei no auditório. Tinha um clube o Esporte Clube Marambaia e quando o futebol chegava lá era um negócio de louco, porque era palavrão, eles xingavam, batiam no juiz e tal. Aí, eu chamei o pessoal do ECM e disse que não tinha nada contra eles, mas que aquilo não podia acontecer ali. Então eles passaram a respeitar e continuaram jogando com a orientação do professor de Educação Física, o juiz passou a usar uniforme e tudo direitinho. Um ano depois o Sérgio foi convidado pra ser o presidente do Esporte Clube Marambaia. E assim, nós fomos aos pouquinhos e pegamos a prefeitura, um professor nosso o Leonel Mareto foi ser o prefeito da Ilha no lugar do Benedito Melo. Trouxe o médico e o dentista, que atendiam os alunos e a comunidade e então, sem querer, eu comecei a exercer uma influência política. Chegaram a me chamar pra disputar a prefeitura de Mangaratiba, mas eu disse que fazia política da educação e não política na Educação, como funcionário do governo, eu sou do partido do governo (Adaury Alheiros, ex-diretor do CTDV).

Desta forma observa-se que a direção tinha uma atuação, típica da concepção moderna de Escola, com grande preocupação em relação à disciplinarização das condutas em seu entorno. O que demonstra a sua influência na dinâmica social local, chegando até a ter funcionários ocupando cargos políticos importantes na região.

Outro elemento interessante do fluxo de influências culturais entre a Escola e a comunidade é o imaginário compartilhado sobre as lendas da Ilha. Uma das mais conhecidas é sobre a Gruta da Santa, contada por Emilson, nativo e ex-aluno do CTDV:

Lá tem até hoje a Gruta da Santa, uma gruta com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, os pescadores pegaram essa imagem na rede e colocaram na gruta. Mas depois os padres levaram a santa pra Igreja. Não se sabe como, mas a imagem apareceu de novo na gruta e ninguém sabe, ou ouviu falar, sobre quem teria levado. Ela está na gruta até hoje (Emilson Santos, ex-aluno do CTDV).

Na crônica, *Aventuras de dois coroinhas no colégio interno*, o jornalista Nivaldo Lemos conta sobre sua estratégia para conseguir sair um pouco da área restrita da Escola. Nivaldo e seu irmão não eram nativos da Ilha e estudaram no CTDV. Eles passaram a ser coroinhas para desfrutar da beleza das ilhas próximas indo celebrar missas com o padre Geraldo. Certa vez, o padre organizou uma excursão ao famoso Morro da Velha, que era o ponto mais alto da Ilha, onde havia uma cruz de madeira. Como ele relata na crônica:

Sáimos pela manhã num grupo de talvez 10 ou 12 alunos, acompanhados por monitores – o padre não foi por causa da idade. Subimos durante aproximadamente duas horas pela mata fechada e cheia de mosquitos. Enfrentávamos além do calor e dos mosquitos, o medo de uma lenda fantástica sobre um baú que teria sido escondido por um frade no alto do morro, à época dos escravos, e em cujo interior haveria – não se sabe porque – um caderno para assinaturas e uma caneta. Segundo a lenda, quem tentava chegar ao baú acabava se perdendo na mata. Coincidência ou não, após duas horas de caminhada morro acima, alguém gritou “olha a cobra!” – e foi uma correria só, cada um para um lado. Parte do grupo se perdeu na mata fechada e somente eu e mais quatro pessoas chegamos ao topo. Lá no alto, acabei saindo na porrada com um colega chamado Tesourinha, com quem tinha uma rixa antiga, mas fomos prontamente apartados pelos outros. Serenados os ânimos, entre mortos e feridos escapamos todos. Mas o passeio que deveria acabar ao meio-dia estendeu-se até o fim da tarde, quando o último aluno chegou à escola todo sujo e picado de mosquito. Terminei assim meu tempo de coroinha e – de quebra – ainda ajudei a reforçar a misteriosa lenda do baú. (Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2009)

#### **4.5 Representações sobre a Escola e o seu fim.**

O livro de Jaime Pondé, sobre a obra assistencial de Levy Miranda, enaltece o fundador da FACR pela sua vida voltada para a ajuda aos mais necessitados. Dentre suas grandes realizações, o autor destaca a importância da criação da Escola de Pesca Darcy Vargas na comunidade da Marambaia (PONDÉ, 1977). Contudo, seria insustentável supor que a comunidade via desta forma a experiência da Escola, partindo apenas desta biografia. Entretanto, Arruti já havia apontado a importância que a Escola representou para a comunidade no laudo antropológico sobre a Ilha, realizando entrevistas com os moradores mais antigos (ARRUTI, 2003).

Nas entrevistas desta pesquisa a Antiga Escola da Marambaia também foi constantemente lembrada com carinho especial por aqueles que a constituíram. A forma como eles resgataram as suas lembranças estabeleciam uma direta relação com os dias de hoje e seus relatos representam formas muito particulares de entendimento sobre essa experiência, a partir do lugar e do momento dos quais fizeram parte. Boa parte dos entrevistados relatou o significado da Escola em suas vidas.

Para Adriano de Lima, que nasceu na Ilha e foi aluno da ETDV, a importância relaciona-se diretamente a vida dos moradores:

Olha, eu costumo dizer que a época da Escola foi um período de luz. O projeto do Levy Miranda foi muito bom porque tinha muito analfabetismo e a Escola abria um leque de opções, inclusive de outras profissões. Deu uma alavancada na vida das pessoas que passaram pela Escola e o Levy foi o grande articulador, se tivesse 100 dele o Brasil seria melhor (Adriano de Lima, ex-aluno da ETDV).

Pompilio da Silveira destacou o papel da Fundação e a chegada dos “Lords”, como elementos que marcaram a sua formação pessoal:

Conviver 365 dias por ano dentro de uma estrutura de pensamento marca bastante a sua personalidade. Por mais que você não se lembre várias coisas que você pensa vêm lá da Marambaia. A Fundação tinha uma unidade de pensamento e aí chegaram os “Lords”, que não tinham aquela estrutura, mas foi importante eles terem vindo, porque se abriu uma gama de universos pra dentro do nosso microcosmos. No nosso cosmos de Fundação o máximo que nós sabíamos é que o Escarlate e o Esperança iriam jogar na Cidade dos Meninos no ano que vem. Então, a nossa formação ali era sólida, mas limitada e a chegada dos “Lords” coincidiu com a chegada da televisão, porque antes nós assistíamos um filme por mês no auditório da escola e a fita arrebentava toda hora. Então acho que essa fase foi necessária. A Marambaia serviu pra conscientizar até hoje eu continuo estudando (Pompilio da Silveira, ex-aluno da ETDV e do CTDV).

Sobre o período do CTDV Carlos Alberto considera que:

Eu me sinto um privilegiado, por ter estudado lá naquela estrutura e com excelentes professores. Eu acompanho os estudos dos meus filhos e posso dizer que a matemática e o português que nós aprendemos era de muito bom nível. Na época aquilo pra mim era um inferno passar o ano inteiro ali (Carlos Alberto, ex-aluno do CTDV).

Como nativa da Ilha e aluna do externato no CTDV, Nilce ressalta a falta que a Escola representou pra ela:

Foi o fim da escola e não poder continuar os estudos. O colégio acabou em 1970 e ninguém imaginava, muitos estavam matriculados. Eu não consegui fazer o último ano porque não tinha como ingressar em outra escola, Mangaratiba não tinha barca todo dia e às vezes o mar estava revoltado. A divisão da Ilha também foi muito ruim, a praia de chegada virou propriedade da Marinha, ficou tudo muito limitado. A maior tristeza é hoje não termos acesso livre para visitar a Ilha (Nilce Santos, ex-aluna do CTDV).

Os discursos, daqueles que tiveram experiência como funcionários ou gestores, costumaram se dirigir para um esforço de explicar os motivos, que teriam levado à decadência da Escola e seu conseqüente fechamento. De acordo com Eugênio Anísio:

Comparando com os dias de hoje era melhor, nós tínhamos tudo ali e trocávamos com outras escolas da fundação. Pros alunos tinha ajuda de custo e os funcionários tinham salário. Quando o Seu Levy morreu começou a ficar fraco, aí depois quem assumiu foi o filho dele Seu Antoninho Izidro, que não era tão bom administrador como o pai. A primeira preocupação da Marinha foi tirar a gente de lá. Na época da CIBRAZEM eu que era chefe de serviço tava recebendo ordem de cabo que não conhecia o serviço, e aí eu fui ficando desgostoso e em 1973 eu fui indenizado e comprei essa minha casa aqui no Cabuçu (Eugênio Anízio, ex-aluno e ex-funcionário da ETDV).

Dos entrevistados, Manoel Bastos, como diretor da ETDV e do CTDV, foi o que conviveu por mais tempo entre os diretores da FACR. Também acompanhou a transição administrativa da Escola a partir do convênio com o Estado. Seu ponto de vista se aproxima com o de Eugênio em relação à importância da presença de Levy Miranda e retoma o conflito instaurado com a coexistência de duas administrações:

Na minha maneira de ver eu acho que o motivo foi má administração. Porque o filho do Levy Miranda não tinha a mesma entrada que o pai com o Banco do Brasil, que era um dos principais financiadores. O Levy era um homem de Deus. Ele cansou de pegar pessoas doentes nas ruas e colocar no seu próprio carro pra levar pro Abrigo e pedir que cuidassem delas. Aquele homem tinha acesso direto ao Getúlio Vargas, tinha aquelas filas de pessoas arrumadas no catete pra falar com o presidente e ele com tecido de mescla e o símbolo da Fundação conseguia falar com o Getúlio. Então, por que o ginásio do Estado não deu certo? As coisas mais difíceis de se praticar são a gratidão e a humildade e eles nos viam à distância. O professor Adaury era um homem inteligente, mas tinha muita vaidade, talvez por ter assumido uma obra daquela dimensão isso possa ter mexido com a cabeça dele. Ele tinha um professor de Educação Física que dizia que era do Fluminense e tal, mas quando eles precisaram fazer uma evolução com os alunos na forma de estrela, âncora e o símbolo da Guanabara, fui eu que organizei, mas eles não reconheceram isso. Então eu acho que houve uma dificuldade de entrosamento por conta do orgulho do pessoal do Estado. A criação daquela Escola foi ótima e foi durante muitos anos até a chegada do ginásio, infelizmente. Quando eu soube que o ginásio fracassou, eu pensei que era de se esperar, porque aquele espírito de superioridade não é abençoado. Seja humilde como o seu Rodolfo Fuchs foi, que a coisa tem crescimento. Tanto ele, como sua esposa, abraçavam e beijavam aquelas crianças todas independente de serem pretas, brancas ou amarelas. Então, eu tive essa vivência e posso dizer isso com convicção (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-funcionário da ETDV).

Sobre a possibilidade da retomada de uma escola de pesca na Marambaia, como foi levantada pelo ministro da defesa Nelson Jobim, Manoel Bastos respondeu assim:

Seria uma bênção, mas teria que tirar o corpo de fuzileiros de lá. Aquela gente passou a ter: assistência médica, dentária e meios de subsistência. O Adriano morava longe da escola, filho de um velho pescador, e hoje você vê. Não tem, no Brasil, escola de pesca com a faixa de mar que nós temos. Eles gastam tanto com escola no asfalto, né?.

Quando o seu Levy teve aquela visão iluminada de abrir aquela escola no meio do mato, ele foi desacreditado. No Espírito Santo, por exemplo, continua montada lá a estrutura da Caboclo Bernardes, porque não aproveitam aquilo? (Manoel Bastos, ex-aluno e ex-funcionário da ETDV).

Neste sentido, Aduary Alheiros e Manoel Bastos argumentaram de forma semelhante, ambos valorizando o ensino técnico profissional da pesca. No entanto, para Aduary Alheiros o que teria prejudicado a fase da ETDV seria uma disputa de mercado e no caso do curto período do CTDV, o fechamento seria devido às despesas de uma grande estrutura e de difícil acesso e que, também, não contava mais com os lucros da pesca:

Eles chegavam a vender latas grandes de sardinha para o Nordeste. Mas a política da época era muito contrária ao pescado. A FACR chegou a ter quatro barcos de aço, os Redentores. Esses barcos chegavam na Praça XV, onde tinha um entreposto de pesca, e não conseguiam descarregar uma sardinha, então eles vinham pra Marambaia descarregavam e transformavam em farinha de peixe e vendiam pra fazer ração de animais. Isso eu ouvi dizer, porque eu não peguei a época dos Redentores. A Marambaia ainda tentou botar barracas com o pescado e o prefeito não permitiu alegando que ia emporcalhar a cidade. Nós concluimos, eu conversando com o José L. C. Amaral Neto, que os donos do gado das aves e dos ovos não queriam o pescado. Porque ele era muito mais barato, você saía com o barco e pegava rapidamente 200 toneladas de pescado e jogava no mercado. Eles não deixavam, eles faziam uma campanha. A Fundação já estava dando prejuízo, mesmo com o convênio, porque era uma estrutura de mini-cidade tinham 3 geradores comendo óleo o dia inteiro pra iluminar tudo aquilo. Tinha tudo montado ali, mas já não tinha mais o lucro da pesca. Uma pena deixarem aquela escola fechar. Eu ia ter pouco trabalho em montar o segundo grau. Talvez a maior dificuldade fosse conseguir professores com formação, eles também devem ter tido este problema. Eu acho que as pessoas não tinham formação quando eles ofereciam o ensino da pesca no ginásio. Eu fico vendo a grade curricular deles e fico pensando onde eles conseguiam pessoas para ministrar essas disciplinas técnicas (Aduary Alheiros, ex-diretor do CTDV).

Consideramos que a linha de pensamento exposta pelos diretores, acerca do ensino profissional, esteja relacionada a grande proximidade que tiveram com Rodolfo Fuchs a quem demonstraram muita admiração. Ele era uma pessoa ligada profissionalmente ao ensino industrial e participou de diversas comissões e atividades para este assunto, durante o ministério de Gustavo Capanema. Rodolfo Fuchs defendeu o ensino industrial para todos, de forma que fosse eliminada a “idiossincrasia do trabalho manual, industrial e agrícola”, que seria responsável pelas dificuldades do país. Em 1935, chegou a propor a criação da Escola Profissional Elementar ao lado da escola primária, passando pelas de nível médio e

normal e culminando com a Universidade do Trabalho (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA 1984).

\*

Como breve síntese dos achados sobre a estrutura informal da Escola, apontamos como aspectos fundamentais nas memórias dos ex-alunos do CTDV, as questões das punições, do homossexualismo e a relação com o reduzido número de meninas do externato, assim como os processos de construção e negociação de modos de dominação e subordinação naquele contexto específico.

No plano administrativo ressaltamos as diferentes visões dos diretores entrevistados acerca da qualidade da Escola. Para o diretor ligado a FACR o período de sucesso do projeto corresponde à fase da ETDV. Isto também é reconhecido pelo diretor ligado ao Estado do Rio de Janeiro, sendo que este assinala a importância da chegada do ginásio e do rompimento com uma estrutura que ele caracterizou como de “caráter correccional”.

### **ANEXO III: lista de entrevistados**

1. Adriano de Lima, 61 anos, nascido na Ilha da Marambaia no ano de 1948, entrou como aluno na Escola de Pesca com 12 anos, onde estudou no período de 1960 a 1965. Mora em Duque de Caxias na Cidade dos Meninos. Entrevista realizada em 04/05/09;

2. Sr. Vitorino, 89 anos, nascido em São Paulo no ano de 1920, entrou como funcionário na Escola de Lavradores e Vaqueiros Presidente Vargas em 1952 (posteriormente Escola Agropecuária Raphael Levy Miranda). Entrevista realizada no dia 25/05/09 em Santa Cruz – Rio de Janeiro;

3. Emilson, 53 anos, nascido na Marambaia no ano de 1956, foi aluno no Colégio Técnico Darcy Vargas entre 1968 e 1970. Entrevista realizada em 24/09/09.

4. Eugênio Anízio dos Santos, 81 anos, nascido em Pernambuco no ano de 1928, entrou como aluno na Escola de Pesca Darcy Vargas em 1940, passando a ser funcionário permaneceu na mesma até ser desativada e entregue à Marinha em 1971. Entrevista realizada no dia 12/10/09 em Cabuçu – Nova Iguaçu.

5. Nilce de Oliveira Santos, 55 anos, nascida na Marambaia no ano de 1954. Foi aluna do externato do Colégio Técnico Darcy Vargas de 1967 a 1970. Entrevista realizada no dia 12/10/09 em Cabuçu – Nova Iguaçu.

6. Aduary Alheiros, 72 anos, nascido no Rio de Janeiro no ano de 1937, entrou como diretor da Divisão de Ensino do Colégio Técnico Darcy Vargas permaneceu durante os anos de 1965 a 1970. Entrevista realizada no dia 23/11/09 em Sepetiba – Rio de Janeiro.

7. Pompílio da Silveira Marinho, 57 anos, entrou como aluno em 1963 na Escola Técnica Darcy Vargas e permaneceu até 1967. Entrevista realizada no dia 17/12/09 no centro do Rio.

8. Manoel Bastos, 80 anos, nascido no litoral do Espírito Santo em 1929, entrou como aluno em 1942, saiu em 1947 e voltou em 1952 como coadjuvante de educação (inspetor). Em 1956 foi para a Cidade dos Meninos e voltou para a Marambaia em 1958. Em 1962 voltou para o Espírito Santo para ajudar a dirigir a Escola de Pesca Caboclo Bernardes. Voltou para a Marambaia em 1964, como diretor da parte administrativa da Fundação no Colégio Técnico Darcy Vargas, permaneceu no cargo até 1967. Entrevista realizada no dia 30/01/10 em São João de Meriti.

9. Carlos Alberto P. Alves de Souza, 55 anos, nascido no Rio de Janeiro em 1954, foi aluno do Colégio Técnico Darcy Vargas entre os anos de 1966 a 1969. Entrevista realizada no dia 27/01/10 em Bonsucesso – Rio de Janeiro.

## ANEXO IV: crônicas do ex-aluno Nivaldo Lemos

### Crônica 1

#### Dores e alegrias de uma escola à beira-mar

Marx disse que há dias que valem por séculos na história dos povos, referindo-se à Comuna

de Paris. O dia 21 de maio de 1965 – quando desembarcamos na Escola Técnica Darcy Vargas (1), eu e meu irmão Célio – foi um desses dias fundamentais na nossa história pessoal. Era uma sexta-feira e vínhamos de longa viagem de Kombi até Santa Cruz, de trem de madeira (o famoso “macaquinho”) até Mangaratiba e de barco até a Ilha da Marambaia, onde ficava o colégio interno, um percurso de mais de cinco horas.

Ao desembarcar na ilha, seguimos juntos para a escola arrastando malas e saudades. O cheiro do salitre, as casas simples à beira-mar e o marulhar das ondas lambendo a longa faixa de areia me deram uma enorme saudade de casa. A natureza da ilha era deslumbrante e um cenário perfeito para uma escola de sonhos: à frente do pátio onde hasteávamos a bandeira, um mar azul salpicado de embarcações; nos fundos, a frondosa mata atlântica. À esquerda da escola, um tapete avermelhado de pétalas desenhado pelos *flamboyans* e uma pequena ponte sobre um rio delimitavam a área de circulação externa, chamada de "perímetro". Depois da ponte, portanto fora do perímetro permitido, havia uma antiga senzala usada como quitanda por Dona Soraya e aonde muitas vezes acorríamos sorrateiros para comprar doces e picolés. À direita, erguiam-se um pequeno bosque de eucaliptos e o pico da Marambaia que chamávamos de Morro da Velha por causa da freqüente névoa que o encobria como um véu branco de beata e que, vindo do Atlântico, se agasalhava durante dias no colo da floresta, como se descansando da longa viagem.

Chegamos cheios de dúvidas e medo de não corresponder às expectativas. Eu sabia que estava ali mais por circunstância do destino (escola experimental, internato, numa ilha e poucos candidatos) que por mérito. Cursara precariamente o primário até prestar o Exame de Admissão que me levara até ali – só Deus e talvez meu pai sabiam como. De qualquer modo, ali estávamos – eu e meu irmão.

#### Uma noite de cão.

A primeira noite foi a mais difícil. O alojamento era um enorme pavilhão com fileiras de camas e um conjunto de banheiros no fim. Quando soou o toque de silêncio e as luzes se apagaram, rezei a ave-maria em silêncio e, extenuado, dormi. De madrugada acordei apavorado: havia urinado na cama e não sabia o que fazer. Sequei o chão com o próprio lençol e o substituí por um novo, antes que o dia amanhecesse e me descobrissem. Para meu desespero, aquilo se repetiu várias noites. A roupa de cama era trocada somente aos sábados. E quando ao fim da primeira semana levei à lavanderia a pequena montanha de lençóis, o chefe da lavanderia olhou nos meus olhos e viu o meu desespero. Foram os segundos mais longos de minha vida até ele me sorrir e pegar a roupa. Ninguém nunca soube o meu segredo. Em poucas semanas me adaptei à escola e o problema sumiu. Sobrevivi incólume, graças à generosa cumplicidade daquele homem de quem hoje sequer lembro o nome.

#### Castigos e desejos: pedagogia da submissão.

O colégio era civil, mas logo descobri que a disciplina era militar. Cada aluno recebia um número de identificação que era posto no armário, uniforme e roupas de cama.

O controle incluía o uso de apito ou corneta para reunir os alunos em pelotões. Para tudo – comer, ir às aulas, à praia, dormir – soava um toque de corneta ou apito e de pronto ficávamos em posição de sentido, imóveis, até o segundo toque quando formávamos pelotões. Por vezes o monitor aguardava longos minutos até o segundo toque, observando se flagrava algum movimento. Quando isso acontecia, ele anotava o nome do “infrator” que à noite era posto de castigo em pé no pátio durante horas, imóvel e em silêncio, até a hora de dormir. Um castigo que recebi amiúde no primeiro ano. Era talvez uma forma de subjugar fisicamente aquele bando de adolescentes, autênticas máquinas de energia e vitalidade. Hoje, quando penso naquelas lições de totalitarismo, não posso evitar uma associação – mesmo que involuntária – com a ditadura militar que subjugava o país à época.

A vigilância era orwelliana: inspetores e monitores acompanhavam cada passo dos alunos no pátio, sala de aula, dormitório, igreja – até no banheiro havia sempre um par de olhos atentos. O mundo que nos chegava nas ondas do rádio refletia anseios libertários: Beatles, hippies, pílula, amor livre. Ainda não havia AIDS para intimidar a sexualidade, éramos mais de mil jovens – entre 12 e 20 anos – enclausurados numa ilha cuja única ligação com o mundo exterior – além do radinho de pilha e as visitas da família – era uma televisão PB (não havia TV em cores), onde assistíamos ao Telecatch, Programa Flavio Cavalcanti, Hebe Camargo e filmes e notícias que a ditadura permitia. A repressão à sexualidade e a eventuais transgressões incluía os sermões do Padre Gerardo na missa dominical, que, no mês de Maria, maio, passava a ser diária. Apesar disso, nos quatro anos em que lá estudei, um inspetor e dois alunos foram expulsos por homossexualismo. Num colégio interno só de rapazes, era natural que se formassem amizades, mas quando dois amigos andavam muito juntos, o mais novo era chamado de “garotão” (“Fulano é garotão de Beltrano”), numa insinuação maldosa de que eram mais que amigos, o que nem sempre era verdade.

#### **Pontos de fuga: o padre e a pátria.**

O Padre Gerardo era um alemão que esculpia raízes da praia e pintava quadros belíssimos, mas bebia muito vinho e o tema recorrente dos seus sermões era a possibilidade de algum aluno namorar uma moça da ilha – o que deveria ser evitado sob o risco da danação eterna. O Padre Gerardo também celebrava missas nas ilhas da região – Ilha Grande, Jaguanum, Águas Lindas – à época ainda inexploradas turisticamente. Para fugir da rígida disciplina do colégio, eu e Célio nos tornamos coroinhas e passamos a acompanhar o padre nas missas realizadas nas ilhas. Como eu sabia que ele era chegado a um vinho (certa vez de tão bêbado celebrou um casamento em cinco minutos, repetido sobriamente depois a pedido dos noivos), na hora da consagração colocava mais água do que vinho no cálice. O padre ficava irritadíssimo e chegava a se servir ele próprio, subvertendo os cânones cerimoniais. Depois, dava-me uma bronca e acabava achando graça. O resto do dia a gente passava à toa pelas praias desertas, retornando só à tardinha ao colégio.

A disciplina tornava-se mais forte ao se aproximar a semana da pátria. O desfile em Mangaratiba era outra oportunidade da sairmos da ilha. A preparação incluía marchas diárias, horas a fio sob o sol, com nosso uniforme principal (chapéu de marinheiro, gandola e calça de brim azul e sapatos pretos de plástico emborrachado que no calor exalavam um chulé insuportável). Todos cantavam hinos militares e ensaiavam coreografias (estrela, âncora e evoluções). A banda de música tocava o *Cisne Branco* e hinos marciais cujos nomes não me recordo, embora lembre de um (2) que canto à capela no *link* de áudio,

abaixo das fotos, para que vocês tenham uma idéia. Participávamos dos desfiles com um ingênuo e sincero patriotismo, muitas vezes regado a lágrimas. A Escola Estadual Darcy Vargas era quase *hors-concours*, tamanho o sucesso que fazia. Lembro que as pessoas subiam nas sacadas das casas e no coreto da praçinha para ver melhor nossas evoluções e aplaudiam pra valer. Houve um desfile em que deixei um radinho de pilha Mitsubishi que ganhara de minha mãe com um inspetor, para que ele cuidasse enquanto eu desfilava. Para minha tristeza, quando após o desfile o procurei para reaver meu rádio, ele me informou que havia sido roubado. Nunca mais vi meu Mitsubishi. E os desfiles nunca mais foram os mesmos.

### **Futebol, álgebra e poesia: pedagogia da imaginação.**

Lecionar numa ilha distante para alunos em sua maioria carentes – à época o termo não existia; a condição, sim – exigia dos professores um compromisso vocacional hoje cada vez menos comum. Só uma visão sacerdotal explica porque jovens educadores submetiam-se semanalmente à rotina de uma desconfortável viagem num pequeno barco de pesca, o *Tintureiro*, que – quando em mar bravio – era obrigado a permanecer horas ao largo, até aportar. Verdadeiros heróis, embora somente alguns permaneçam na minha memória até hoje: Jackson (de Português), Otacílio (de Aritmética), Sérgio (de Educação Física), Ademir (de Inglês) e Jader (de Álgebra). Destes, lembro com especial carinho dos três últimos. O professor Sérgio, pelas aulas de educação física na praia ou no campo de futebol, que eram lições de liberdade e alegria. No primeiro ano, ele bolou um torneio de futebol que mobilizou a escola e colaborou muito para a integração dos alunos. Eram quatro times: Estrela (camisa azul), Náutico (vermelha), Esperança (azul) e Amarelinho (amarela), este último formado só com os “perebas”, que tinham pouca ou nenhuma intimidade com a bola – do qual fazíamos parte eu e meu irmão – e que por isso haviam sobrado. A torcida – incluindo quatro ou cinco meninas da ilha que estudavam em regime de externato – comparecia todo sábado e domingo para aplaudir ou vaiar nossas jogadas. No fim, o campeão foi mesmo o Estrela; e o vice, o Esperança. Mas o Amarelinho surpreendeu e ganhou do Náutico, ficando em terceiro. O que foi uma vitória para um time de enfeitados, e uma prova de que, no futebol como na vida, união e vontade às vezes podem valer mais do que a técnica..

Do professor de Inglês, Ademir, lembro especialmente pelo seu jeito heterodoxo de dar suas aulas. Invariavelmente as encerrava com uma piada – ou um debate livre e bem-humorado sobre temas tabus, como sexo e droga. Eram cinco ou dez minutos de muita alegria. Não foram raras as vezes que professores de outras turmas reclamaram do barulho de nossas risadas ao fim das aulas de inglês. Interpretavam o jeito alegre e jovial do professor como liberal demais – e, à época, até poderia ser –, mas suas aulas eram das mais concorridas. Ao fim e ao cabo, todos foram aprovados em Inglês e ele ainda garantiu lugar de destaque na minha memória. E na de muitos colegas, tenho certeza. De todos, porém, o professor Jader foi sem dúvida o que mais me marcou. Pois, se não mudou minha relação com a Álgebra, me despertou para uma das mais importantes formas de compreensão da vida: a poesia. Foi numa festa cívica realizada no teatro da escola na qual alunos e professores interpretaram, cantaram ou declamaram algo. Após várias apresentações insossas que arrancaram raros aplausos ou mesmo indiferença, ele subiu ao palco. O auditório não estava nem aí quando começou com sua voz grave e uma expressão acompanhando o timbre da voz: *‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço Brinca o luar — dourada borboleta; E as vagas após ele correm... cansam Como turba de infantes inquieta.* Fez-se um grande silêncio. O professor Jader desceu do palco e caminhou lentamente por

entre os alunos hipnotizados com sua interpretação, entre os quais eu. E continuou por quase meia hora, enriquecendo o *Navio Negreiro*, de Castro Alves com todas as pausas e inflexões dramáticas que o poema merece. E encerrou, suado e ofegante: *Fatalidade atroz que a mente esmaga! Extingue nesta hora o brigue imundo O trilho que Colombo abriu nas vagas, Como um íris no pélagos profundo! Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga Levantai-vos, heróis do Novo Mundo! Andrada! arranca esse pendão dos ares! Colombo! fecha a porta dos teus mares!* Foi uma apoteose: alunos, professores e funcionários aplaudiram por 10 minutos ou mais. Naquele breve instante de eternidade descobri aos prantos o que era a poesia. E virei poeta.

#### **Dia de visita: alegria e frustração.**

Ao longo do ano, nosso único contato com a família ocorria no último domingo de cada mês, o dia de visitas. A expectativa era grande e, tão logo o apito do barco soava no horizonte anunciando as visitas, muitos acorriam ao cais para receber pais, mães, irmãos, parentes e amigos. Além de matar a saudade, a visita significava também presentes: caixas de chocolate e biscoito, frutas, doces e até radinhos de pilha para acompanharmos o futebol e ouvirmos músicas da Jovem Guarda. Se na escola as regras comuns e o uniforme padronizavam e escamoteavam diferenças sociais, o dia de visitas dizia muito da condição social de cada um: o tipo de roupa, o jeito de falar e a quantidade e qualidade dos presentes eram indicadores da condição social. Assim eu percebi que o Cabeleira, o Ademar, o Calvelli e outros tantos eram mais favorecidos socialmente que eu, meu irmão, o Sarampo, o Tesourinha, o Assis... Diferenças à parte, o dia de visitas era uma festa. Exceto, quando, por um motivo ou outro, os pais não podiam ir. Era horrível. Ficávamos no cais até o barco se afastar, como para nos certificar de que ninguém viera mesmo. E voltávamos quase humilhados pela felicidade dos que caminhavam ao nosso lado abraçados a pais e parentes. Um sentimento que aumentava ainda mais quando as famílias se reuniam em piqueniques improvisados sob as árvores ou no pátio e os preteridos ficavam a sós, pelos cantos. A frustração diminuía ao fim do dia, quando as visitas se iam e alguns colegas dividiam conosco um pouco do que haviam recebido, numa afetuosa demonstração de amizade e solidariedade que nos ajudava a suportar o mês, até a próxima visita.

#### **Crônica 2**

##### **Aventuras de dois coroinhas no colégio interno**

O filósofo romeno Mircea Eliade, no clássico *O mito do eterno retorno*, disse que “quanto mais religioso é o homem, mais real ele é”. Não sei porque, a frase me soa hoje adequada às lembranças que guardo do Padre Gerardo, a maioria delas menos afeita às coisas do espírito que à sua condição humana. Além do gosto excessivo por vinho, Padre Gerardo era também excelente artista. Pintor de mão cheia – lembrava Rubens nas cores e tons – e escultor, sua obra retratava quase sempre a natureza da ilha e temas religiosos. Morando sozinho em uma casa simples, ampla e confortável, o padre recorria ao trabalho voluntário de duas moradoras da ilha (mãe e filha) para ajudá-lo a organizar a vida doméstica, o que acabou alimentando boatos entre os alunos. Uns diziam que ele mantinha relações sexuais com mãe e filha. Outros, que era homossexual e alguns até insinuavam que ele seria um refugiado nazista. De certo mesmo, eu e meu irmão sabíamos apenas que era um ser humano – demasiadamente humano, diria Nietzsche –, bom amigo e nosso salvo-conduto não só para o céu, que à época acreditávamos merecer, como para as belas ilhas da região, onde o ajudávamos a celebrar missas. A possibilidade de ser coroinha surgiu por

acaso. A Igreja de Nossa Senhora das Dores, centro da vida religiosa na ilha, comunicava-se com o pátio interno da escola por uma porta que ficava sempre aberta, como se nos convidando a entrar. Evidentemente, poucos atendiam ao convite, a maioria preferia freqüentar a sala de jogos, a quadra de esportes ou apenas adormecer sob a fronde dos eucaliptos centenários que nos ofereciam sombra, perfume e um generoso colo de raízes onde curtíamos a sesta. Até que em setembro, mês da padroeira, descobrimos que todos os dias, após o jantar, tínhamos que render graças compulsórias à Mater Dolorosa. Foi aí que – por destino ou graça da santa – resolvi ser coroinha, menos por vocação do que pela possibilidade de gozar o privilégio que a função concedia de viajar aos domingos para celebrar missa na região. Uma rara oportunidade de sair da ilha mesmo por algumas horas. É claro que o exercício da função tinha um outro lado, aliás o principal: aprender a liturgia da missa, que incluía chegar à igreja antes de todos, nos paramentar e arrumar a mesa com os acessórios da missa. Na hora da cerimônia, entrávamos com o padre e nos ajoelhávamos em frente ao altar, nos persignando. Durante a missa ficávamos sentados em uma cadeira atentos aos gestos do padre. Ao começar a liturgia de consagração, pegávamos as pequenas jarras (galhetas) com água e vinho para servir ao padre. Neste momento, só de implicância, eu colocava no cálice mais água que vinho. O padre falava baixinho “mais vinho!, mais vinho” e se servia ele mesmo. Quando ele levantava a hóstia para a consagração, eu tocava uma sineta – era a hora da missa que eu mais gostava. Terminada a cerimônia, o Padre Gerardo nos servia biscoitos e suco. Já no segundo mês como coroinhas, entramos na escala de viagens. Nossa primeira missa fora da escola foi na ilha de Jaguanum, perto de Itacuruçá. Saímos pelas 10 horas da manhã no *Tintureiro* e por volta das 11 horas chegamos. No trajeto, Padre Gerardo tomou bastante vinho. Na ilha não havia cais. O barco parou a alguns metros da praia e um pescador nos apanhou em uma pequena canoa. A igreja ficava do outro lado da ilha, onde se concentravam as poucas casas, e era tão pobre que o sino não tinha sequer badalo. Convocamos os fiéis batendo com um vergalhão na campânula oca. Após a missa, nos reunimos em um trapiche à beira-mar onde os moradores haviam organizado – como era praxe – um lauto almoço regado a suco, cerveja, cachaça e muito vinho de garrafão. Após o almoço, enquanto eu e meu irmão mergulhávamos de uma enorme pedra na água gelada, Padre Gerardo bebia vinho e conversava com os fiéis. De repente vimos uma correria. O padre havia ficado tão bêbado que borrara as calças, literalmente, sendo socorrido pelos pescadores que lhe deram um bom banho, uma calça limpa e uma rede para descansar. Ao fim do dia, com ele ainda meio zozzo, pegamos o barco de volta para a escola. Foi um domingo inesquecível. Quando passei para o terceiro ano – entre os 13 e 14 anos – fui eleito líder das atividades socioculturais da escola (GT de Cultura) e resolvi abandonar a função de coroinha. A nova função, além de me parecer mais interessante, também oferecia privilégios como o de visitar a família a cada dois meses e manter a chave da biblioteca, onde passamos a nos refugiar da missa para rezar por cartilhas não tão virtuosas como o catecismo, mas sem dúvida mais atraentes. Todavia, antes de deixar de ser coroinha, participamos ainda de um último passeio que Padre Gerardo organizou: uma excursão ao Morro da Velha, o ponto mais alto da ilha, com 641 metros, onde havia uma cruz de madeira. Saímos pela manhã num grupo de talvez 10 ou 12 alunos, acompanhados por monitores – o padre não foi por causa da idade. Subimos durante aproximadamente duas horas pela mata fechada e cheia de mosquitos. Enfrentávamos além do calor e dos mosquitos, o medo de uma lenda fantástica sobre um baú que teria sido escondido por um frade no alto do morro, à época dos escravos, e em cujo interior haveria – não se sabe porque – um caderno para assinaturas e uma

caneta. Segundo a lenda, quem tentava chegar ao baú acabava se perdendo na mata. Coincidência ou não, após duas horas de caminhada morro acima, alguém gritou “olha a cobra!” – e foi uma correria só, cada um para um lado. Parte do grupo se perdeu na mata fechada e somente eu e mais quatro pessoas chegamos ao topo. Lá no alto, acabei saindo na porrada com um colega chamado Tesourinha, com quem tinha uma rixa antiga, mas fomos prontamente apartados pelos outros. Serenados os ânimos, entre mortos e feridos escapamos todos. Mas o passeio que deveria acabar ao meio-dia estendeu-se até o fim da tarde, quando o último aluno chegou à escola todo sujo e picado de mosquito. Terminei assim meu tempo de coroinha e – de quebra – ainda ajudei a reforçar a misteriosa lenda do baú.

### Crônica 3

#### Reminiscências reúnem amigos após 43 anos

No último dia do mês de outubro recebi na minha Caixa Postal e-mail de um José Antônio Santos cujo assunto era: “Sobrevivente da Marambaia”. Por conta do Projeto Reminiscências de Escola, em 17 do mesmo mês, postara no Overmundo matéria sobre meus tempos de colégio interno na **Ilha da Marambaia**, onde cursei o ginásio na segunda metade dos anos 60. A exemplo da mítica **Pandora**, hesitei diante da caixa cuja mensagem, uma vez aberta, liberaria não os males do mundo, mas lembranças de um tempo que eu vivera naquela ilha do Atlântico, 43 anos atrás, e que subitamente retornariam do limbo, como fantasmas redivivos. Por segundos, essa epifania quase proustiana me atirou num vórtice de sentimentos, que iam do medo à euforia, e me lembrei de uma frase de **Walter Benjamin** que dizia: “O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido.” E abri o e-mail. Na mensagem, Arroz – que era como chamávamos Antônio na escola – explicava que há muitos anos tentava encontrar alguém que tivesse vivido a mesma história que ele, sem sucesso, e confessava a angústia que o perseguia há anos de pensar que era o único sobrevivente daquele tempo que ele definia como “fantástico”, quase “um sonho”, e cujo cenário – lembrava – lhe parecia “fantasmagórico”: “Aquela ilha cercada de matas exuberantes e sinistras ao mesmo tempo, aquele cemitério lá em cima do morro com visão pra Escola, aquela praia que significava uma hora de pessoa normal - pelo menos até a hora do apito -, a ‘Divisão’, como era denominado o casario onde existiam as salas de aula...” E concluía perplexo: “Sabe o que mais me impressiona?! É vivermos atualmente na era da comunicação, internet e tudo o mais, e ninguém lá daquele tempo ler sobre isso para pesquisar ou entrar em contato com você.” Aquelas palavras promoveram uma arqueologia no meu imaginário e me trouxeram à tona vestígios de um tempo fantástico em que tínhamos uma existência mágica – mais afeita ao universo de **Cem Anos de Solidão** do que a essa vida frugal que o futuro nos reservou. Recordar o passado foi como percorrer um labirinto de emoções, um território híbrido de memórias e sentimentos que eu desconhecia. Lembrei-me do que **Proust** escreveu sobre a formação do eu: “O nosso eu é edificado pela superposição de estados sucessivos. Mas essa superposição não é imutável, como a estratificação de uma montanha. Levantamentos contínuos fazem aflorar à superfície camadas antigas.” De fato, foi como se o e-mail deflagrasse um sismo na minha alma e trouxesse à superfície de mim mesmo fragmentos da memória que eu esquecera em algum lugar do passado e nunca mais atinara. “O nome do Jáder era Jáder Bruno e ele era um ‘teso’ [ríspido, rigoroso] nas aulas, flamenguista, de vez em quando cismava que ia ‘dar um

zero em todo mundo!’ O senhor da lavanderia que você não lembrou” – explicava – “era o Seu Mathias! E as Irmãs da enfermaria... davam até medo, ninguém queria passar mal e ter que dormir lá.” Por fim, ele desfiava um rosário de nomes que há muito eu esquecera: “Erasmio, Ademir, Canguru, Alaor, Gercino, Nagiba, Zé Carioca, Davi, Jumentinho, Alteredo, Gilberto, Jessé, Almerindo, PP, Pompílio, Vovó, Pingo, Luciano, Filé, Wallace...”, todos habitantes de uma **Macondo** particular cujo mapa de acesso eu perdera no tempo.

**Outros sobreviventes.** Nos dias que se seguiram àquele, muitos outros amigos da época entraram em contato comigo, revelando não só a capacidade de mobilização da internet, como a força aglutinadora do Overmundo. Essas mensagens – tais como os pergaminhos de **Melquíades** na obra de García Marques – acabaram por reunir destinos que jamais teriam uma segunda chance para isso não fosse o Projeto Reminiscências de Escola. Adiante reproduzo resumos de e-mails que recebi para que vocês tenham idéia do que estou falando. Se quiserem ler todas as mensagens, cliquem **aqui** e, depois, no documento em Word. Essa troca de e-mails também está disponível na página do grupo do livro colaborativo “Reminiscências de Escola”, **aqui**. **E-mail de Carlos Alberto** – *Amigo Nivaldo, fiquei muito feliz também com o que li do meu também amigo José Antonio dos Santos, o "Arroz". Na época da escola, andávamos juntos. Ele morava em Copacabana e adorava nadar e, com ele, várias vezes "escamei" (lembra dessa expressão? ["escamar" significava fugir]) nadando até o Cais, para mergulharmos do Guindaste da ponte! Bons tempos aqueles! Tenho que falar, fiquei frustrado por você não ter me enviado o e-mail do "Arroz", preciso entrar em contato com ele também e relatar que tinha o mesmo anseio dele, ou seja, de encontrar ex-alunos da Marambaia. Só que eu tive êxito, pois, em 2002, conseguimos organizar, com a grande colaboração do Arnaldo Schunk, três encontros. Abaixo, coleí uma página do Orkut (...). Lá encontrarás vários depoimentos de ex-alunos, alguns do nosso tempo. Envie também para o "Arroz". Um fraternal abraço, Carlos Alberto.* **E-mail de Arnaldo Schunk** – *Caro Nivaldo, recebi o e-mail do Carlos Alberto sobre o seu trabalho. Antes de começar a lê-lo, resolvi te dar um alô. Um grande abraço para você, meu colega de colégio.*” E completava num segundo e-mail, horas depois: *“Fiquei até arrepiado de encontrar mais um amigo da Marambaia. Fizemos, há uns quatro anos, um encontro de ex-marambaisenses, na Cidade dos Meninos. Foi um show, com a presença de bastantes colegas, incluindo Adaury, Leonel (faleceu este ano), os moradores de Paraty como Walmir, Gagary, Calango, Carlos Alberto e tantos outros que não me lembro agora. Trabalho aqui na Petrobras há 31 anos, estou com 54, moro em Copa e tenho o meu André, com 28 anos, e o meu Leonardo, com 26 anos, que são meus grandes amigos. Excepcionalmente, hoje estou saindo mais tarde, pois só tive reuniões cabeludas. Vamos marcar um tempo para um bom papo. Um forte abraço, Arnaldo Schunk.* **E-mail de Gilberto Pintinho** – *Caro Nivaldo, gostei muito de saber que muitos colegas se lembram do nosso tempo de Marambaia. Não sei se você lembra de mim, mas eu sou o Gilberto Ribeiro de Almeida, mais conhecido como "Pintinho" (magrinho e loirinho que, quando tomava chuva, parecia um pintinho molhado). Entrei na escola em 1966 e saí em 1969, acho que fui da última turma a se formar. Nossa formatura foi em Itacuruçá. Até acho que na foto do time do Estrela (uniforme azul), sou em quem está agachado. No ano de 2000, tive a oportunidade de voltar à Ilha junto com alguns colegas, dentre eles o Carlos Alberto (Negão). Gostaria muito de rever os companheiros e também os professores de quem me lembro muito bem. Gostaria também de ter uma memória privilegiada quanto a do José Antonio (Arroz) que conseguiu relembrar antigos companheiros nossos. Qualquer notícia,*

pode entrar em contato comigo ou através do Shunck, que tem meus telefones. Um abraço pra todos da Marambaia. **José Carlos Cavalcanti** – Nivaldo, o meu amigo Schunk me informou que no site [overmundo.com.br](http://overmundo.com.br) encontraria algo relativo à Marambaia escrito por você. Então comecei minha viagem Overmundo afora e te confesso que, ao ler seus relatos, retroagi aos meus 13 anos, quando comecei a estudar na Marambaia, em 1965. Na época, morava em Paraty e, como os meus pais não tinham como pagar meus estudos, deliberadamente decidi partir para essa doce aventura. Ou seja: doce aventura a partir do segundo ano em que lá estudei, porque no primeiro foi muito difícil para mim, uma vez que ficar longe dos pais, dos irmãos e amigos não foi nada fácil. Mas, a partir do segundo ano, as coisas começaram a melhorar, por ter conseguido aceitar ficar longe, principalmente dos meus pais e dos meus irmãos, o que, hoje afirmo com absoluta certeza, foi a decisão mais importante e corajosa que tomei na minha vida, e a ela devo o que sou hoje. Trabalho há 31 anos na Petrobras com os meus colegas Arnaldo Schunk e Hildebrando: não sei se tem outros ex-alunos trabalhando na empresa. Estou curioso em saber o que você, além de poeta, está fazendo. Estudávamos na mesma turma. Veja se você se lembra: na primeira foto de **Aventura de dois coroinhas no colégio interno**, eu sou o quarto em pé, da esquerda para a direita; na foto do time, sou o penúltimo agachado, da esquerda para direita e, na foto do desfile, sou o oitavo da fila da direita. Um grande abraço, estou torcendo por você. **Aqui te escreve o 140.** O mais incrível aconteceu, na quarta-feira, 14 de novembro. Recebi mensagem emocionada de alguém que, explicava, morava há muitos anos na Argentina. No assunto, apenas o intertítulo acima, o que me fez concluir tratar-se de outro amigo do colégio interno, onde todos tínhamos um número de identificação (o meu era 51, que à época não era uma boa idéia). O remetente era Pedro Fernandez, que na escola chamávamos de Pedrinho e que, como eu e meu irmão, também fora coroinha do Padre Gerardo. Numa mistura de português e espanhol, ele reafirmava o sentimento de saudade comum a todos em relação à escola e se confessava emocionado com este reencontro virtual, deixando-me também com um nó na garganta ao recordar de nossa viagem a Jaguanum. Leiam vocês mesmos. *Bom-dia, Nivaldo. Gostei muito do que você escreveu. Fiquei muito emocionado e cheio de lembranças daquela época. Nós ajudamos missa juntos mais de uma vez, até na Ilha de Jaguanum, com o Frei Gerardo, no ano de 66 ou 67. Você se formou em 1968 e eu no ano de 1969. Eu sou o Pedrinho, morava em Mangaratiba e agora, faz muitos anos, moro na Argentina. Gostaria de escreverme com você e, se possível, com o 'Arroz' também, que me lembro era de Teresópolis e do tempo da Fundação. Eu era Azul, entrei no 66 e me formei no 69. Sim que foram anos difíceis e de Ditadura. O professor Adaury chegou a dizer que eu era subversivo e eu hoje acho tudo aquilo engraçado, apesar da dureza. Também me lembro da primeira noite naquela ilha, depois de chegar de Mangaratiba de noite com sudoeste no Tintorero. Pra mim, hoje eu penso que aquilo foi uma aventura, mas, na minha vida, certamente inesquecível. Como eu gostava das aulas do professor Cyro y lembro bem do professor Ademir com a sua calça LEE, uma revolução para a época. Em primeiro lugar peço desculpa do meu Português ruim, aqui na minha PC, que faz pouco tempo a tenho e não sei muito, não tenho til, nem cedidilha, nem acento circunflexo; e está em Espanhol, por favor, desculpa [nota: coloquei acentos e cedilhas para facilitar a leitura]. Estou escrevendo neste endereço porque não pude entrar na página do Overmundo pra felicitar a sua narração, que fazia tempo estava buscando meus colegas do Darcy Vargas, da Marambaia, e me encontrei com um poeta e uma memória escrita de maneira maravilhosa. Você tem que seguir escrevendo da ilha, eu coincido com os que te escreveram no Overmundo. Se você puder, espero a tua resposta*

*pra matar as saudades. Um abraço para você e teu irmão. Pedrinho.* Desde então temos mantido intensa correspondência. Estamos inclusive aventando a possibilidade de realizar um churrasco no Planeta Sonho, sítio de meu irmão, para comemorarmos este reencontro quatro décadas depois e acertarmos uma volta à Ilha da Marambaia. Pelo passado comum e a maneira com que todos vivenciamos essa *memorabilia*, torna-se quase inevitável uma analogia com o universo imaginado pelo autor de **Em Busca do Tempo Perdido**, de quem tomo novamente emprestado a frase com que encerro esta *suíte* de **Dores e alegrias de uma escola à beira-mar**: “Os verdadeiros paraísos são os paraísos que se perderam.”

## Considerações finais

A leitura que fizemos sobre esta experiência histórica, de uma instituição voltada para o ensino industrial da pesca, propõe que a mesma possa ser pensada como uma situação que apresenta certas particularidades. Estas foram apresentadas em torno de alguns debates que foram suscitados durante o processo da pesquisa.

Verificamos algumas relações desta experiência educacional com um projeto de nação do início do período republicano a partir da “missão” de nacionalização da pesca que se deu com o Cruzador José Bonifácio entre 1919 e 1923. Nas décadas seguintes, mais especificamente no contexto do Estado Novo, observamos permanências daquele projeto de nacionalização no que diz respeito à concepção do pescador como importante elemento a ser instrumentalizado para a industrialização da pesca e para a defesa nacional. Neste sentido a Antiga Escola da Marambaia se constituiu como uma das principais ações do governo Vargas visando à consecução deste projeto.

De forma complementar a esta, apresentamos, como uma segunda genealogia da Escola, o fato dela ter surgido a partir de uma obra assistencial, que num contexto mais amplo teve o apoio de um Estado forte e de cunho assistencialista. A FACR, fundada por Levy Miranda, constituiu um sistema integrado de unidades que contava com dinheiro público e privado ligado à educação e a “solução da pobreza urbana”. No cenário da Fundação percebemos que a ETDV representava uma unidade diferencial devido a sua função de transformar pescadores tradicionais em profissionais da pesca.

Apesar das modificações que sofreu ao longo de seus trinta anos, principalmente a partir do convênio com o Estado do Rio de Janeiro, a Escola teve em sua disciplina militarizada uma marca importante que pudemos avaliar pela sua documentação e pelas entrevistas. Contudo, o convênio trouxe modificações profundas em relação ao tipo de formação que a Escola passou a buscar, quando passou a dar formação ginásial no lugar da formação profissional de pesca.

Durante o encontro dos ex-alunos, em sua maioria do CTDV, pude observar que um marco fundamental para eles em relação ao período anterior foi a extinção do ensino industrial-manufatureiro da pesca. Muitos afirmaram que, “na nossa fase ninguém era obrigado a trabalhar, você era voluntário”. De acordo com Luiz Antonio Cunha, nossa

sociedade é profundamente marcada pela rejeição ao trabalho manual, desde o início da colonização, quando as relações escravistas de produção começaram a afastar os homens livres desse tipo de trabalho para não deixar dúvidas sobre a sua própria condição. Desta forma, a aprendizagem manual se deu pela via compulsória de ensinar ofícios a crianças e jovens que não tivessem escolha. Cunha cita os arsenais de marinha, que desde o período colonial coagia homens livres, órfãos, abandonados e desvalidos para serem internados e trabalharem como artífices. Esta tendência permaneceu no Império, mas em meados do século XIX começam a ser organizadas sociedades civis destinadas a amparar órfãos para ministrar ensinos de ofícios (CUNHA, 2000).

Já no Estado Novo, quando foi fundada a EPDV, o Brasil atravessava uma época em que era muito grande a atenção do governo para o problema do ensino industrial. A Constituição de 1937 classificou o ensino industrial, destinado às classes menos favorecidas, como primeiro dever do Estado, que deveria subsidiar iniciativas públicas e associações civis para este fim. (FONSECA, 1986).

Portanto, a partir das colocações desses autores, consideramos que a Antiga Escola da Marambaia é um caso exemplar de uma instituição de ensino industrial de grande porte, onde afluíram experiências de origens diversas e que também representam parte do próprio processo histórico do ensino deste seguimento. Sobretudo por representar um espaço onde se confrontaram tradições de ensino que refletem a característica formação dualística que marca o nosso país.

O trabalho com os relatos orais, sobretudo os ligados à rede de memórias do CTDV a qual tivemos acesso, possibilitaram a identificação de aspectos da estrutura interna e informal da Escola naquela fase, como por exemplo, a produção de hierarquias sociais; a partir das lembranças do cotidiano escolar, na visão dos sujeitos entrevistados. A produção destas hierarquias estava diretamente relacionada à profunda transformação que a Escola sofre a partir de 1965.

Outra particularidade desta experiência é a relação que a Antiga Escola da Marambaia estabeleceu com a comunidade na qual estava inserida. Visto que sua chegada é um marco fundamental na história da Ilha, representando, para muitos deles, uma fase de prosperidade com oferta de trabalho e crescimento pessoal.